

# REVISTA Mulher NEUROCIRURGIÃ

Publicação Especial da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia - SBN  
Edição 01 • Setembro de 2018

## A medicina é delas!

Confira as entrevistas das neurocirurgiãs que venceram o preconceito e hoje estão entre as melhores do setor.

HISTÓRIAS INSPIRADORAS  
DAS PIONEIRAS NA  
ESPECIALIDADE

página 16

CONHEÇA O OLHAR  
DAS FUTURAS  
NEUROCIRURGIÃS

página 22

A VISÃO DAS  
NEUROCIRURGIÃS  
PELO MUNDO

página 31



## DIRETORIA

### Presidente

Ronald de Lucena Farias

### Vice-Presidente

Valdir Delmiro Neves

### Secretário Geral

Italo Capraro Suriano

### Tesoureira

Marise Augusto Fernandes Audi

### 1º Secretário

Marco Antonio Herculano

### Presidente Anterior

Modesto Cerioni Junior

### Presidente Eleito - 2019/2020

Luis Alencar Biurrun Borba

### Presidente do Congresso 2018

Marcelo Paglioli Ferreira

### Presidente Eleito do Congresso 2020

Stenio Abrantes Sarmento

### Patrimônio e Controladoria

Francisco de A. U. Sampaio Júnior

## EDUCACIONAL E CIENTÍFICO

### Formação Neurocirúrgica

Sérgio Cavalheiro

### Educação Continuada

Alexandre Novicki Francisco

### Diretrizes e Novas Tecnologias

Ricardo Vieira Botelho

### Pesquisa

Eberval Gadelha Figueiredo

### Projeto NeuroWebinar

João Luiz M. C. Pinheiro Franco

### Sociedade Brasileira de Neurocirurgia

Rua Abílio Soares, 233 CJ.143 - Paraíso

CEP 04005-001 São Paulo/SP

telefone: (11) 3051-6075

e-mail: [sbn@sbn.com.br](mailto:sbn@sbn.com.br)

[portalsbn.org/portal/comissoes/  
mulheres-neurocirurgias/](http://portalsbn.org/portal/comissoes/mulheres-neurocirurgias/)

## COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO SOCIAL

### Comunicação e Marketing

Fernando Campos Gomes Pinto

### Responsabilidade Social

Carlos Roberto S. de A. Drummond

### Ouvidoria

Jair Leopoldo Raso

## DEFESA PROFISSIONAL ATIVIDADES ASSOCIATIVAS

### Codificação e

### Defesa Profissional

Wuilker Knoner Campos

### Integração Nacional

Mauro Takao Marques Suzuki

### Departamentos

Ruy Castro Monteiro da Silva Filho

### Câmara Técnica - SUS

Bruno Silva Costa

## POLÍTICO

### Relações Institucionais

Aluizio Augusto Arantes Junior

### Relações Internacionais

José Marcus Rotta

### Políticas

Modesto Cerioni Junior

### Parlamento

Sandoval Inácio Carneiro

## PROJETOS

### Projeto Pense Bem

Francisco Ricardo Borges Ribeiro

## PUBLICAÇÕES

### Revista Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia

Eberval Gadelha Figueiredo

### Revista SBN Hoje

Modesto Cerioni Junior

### Revista Mulher Neurocirurgiã

Mariangela Barbi Gonçalves

### Produção Editorial

Predicado Comunicação

Sociedade Brasileira de Neurocirurgia

### Jornalista Responsável

Carolina Fagnani

### Redação

Flávia Costa

Isadora Fernandes

Vinicius Antunes

### Projeto Gráfico e Editoração

Danilo Fattori Fajani

### Imagens

©Shutterstock

## CONSELHO DELIBERATIVO

### Presidente

Luiz Carlos de Alencastro

### Secretário

Marcos Masini

### Membros

Aluizio Augusto Arantes Junior

Benjamim Pessoa Vale

Geraldo de Sá Carneiro Filho

Jair Leopoldo Raso

Jânio Nogueira

Jorge Luiz Kraemer

José Carlos Saleme

José Fernando Guedes Correa

José Marcus Rotta

Luis Renato Garcez de Oliveira Mello

Orival Alves

Marcio Vinhal de Carvalho

Osmar José Santos de Moraes

Ricardo Vieira Botelho





# UM LEGADO PARA AS PROFISSIONAIS BRASILEIRAS

Quando assumimos a gestão da SBN, nos deparamos com enormes desafios a serem enfrentados. Alguns mais urgentes, como a defesa do exercício profissional. Naquele momento, houve uma reforma estatutária, definindo que os Departamentos da SBN seriam dedicados exclusivamente ao estudo de patologias neurocirúrgicas, motivo que levou a extinção do Departamento de Mulheres Neurocirurgiãs.

Apesar de entendermos a filosofia dessa mudança do estatuto, não concordamos com o fato de não ter sido criado uma estrutura alternativa para representar as mulheres dentro da própria SBN. A pouca relevância que era dada a essa questão dentro da entidade muito nos incomodava. É impossível não compreender que há questões relevantes, particulares do gênero feminino, que se não forem devidamente abordadas, podem levar à desvantagens competitivas para as mulheres. Apenas para ilustrar, até pouco tempo atrás, mulheres não eram bem recebidas em alguns serviços de neurocirurgia do país.

Diante disso, esse tema passou então a se tornar mais um dos desafios a ser enfrentado no início da gestão. Uma solução alternativa passou a ser debatida entre os círculos formadores de opinião da Sociedade. Foi então desenhada a proposta de criar uma comissão específica para abordar esse assunto, surgindo assim a Comissão das Mulheres Neurocirurgiãs, introduzida no Estatuto Social da SBN, após aprovação em nova reforma estatutária no dia 13 de outubro de 2017.

Essa Comissão já nasceu com uma prioridade: convencer uma sociedade formada majoritariamente por homens (mais de 90%) a falar

de assuntos relacionados ao gênero feminino, e que sempre foram relegados ao segundo plano, inclusive com o questionamento sobre a necessidade de discuti-lo dentro da SBN.

Mais do que criar a Comissão no Estatuto, se faz necessário fomentar as condições para o desenvolvimento de suas ações. Daí, surgiu a ideia de publicar uma edição especial da Revista SBN Hoje, dedicada exclusivamente às mulheres neurocirurgiãs.

Esse projeto foi delegado às doutoras Mariangela Gonçalves, editora dessa edição especial, e Nelci Zanon, uma das pioneiras na defesa do tema dentro da SBN, com apoio do Departamento de Comunicação da SBN e da equipe de Jornalismo da empresa Predicado Comunicação, que nos presta serviços.

E o resultado, que os sócios terão a oportunidade de conferir, é um trabalho primoroso, abrangente, minucioso, mas de fácil leitura. A Revista aborda os diversos aspectos relacionados à questão e explora o pluralismo e a diversidade com entrevistas e depoimentos de várias neurocirurgiãs, residentes e estudantes de medicina, do Brasil e de vários outros países.

Essa obra, por sua magnitude extrapolará os muros da SBN e servirá de referência para mulheres e profissionais de outras áreas da medicina e do conhecimento a se espelharem e lutarem pelo seus merecidos espaços.

Viva as mulheres neurocirurgiãs! Vida longa a elas para cuidarem, com dedicação e carinho, da imensa população brasileira que tanto necessita.



**DR. RONALD DE  
LUCENA FARIAS**

Presidente da SBN.

**“ESSA OBRA,  
POR SUA  
MAGNITUDE  
EXTRAPOLARÁ  
OS MUROS DA  
SBN E SERVIRÁ  
DE REFERÊNCIA  
PARA MULHERES  
E PROFISSIONAIS  
DE OUTRAS  
ÁREAS DA  
MEDICINA.”**



# PALAVRA DA EDITORA

Sejam bem-vindos à Revista Mulher Neurocirurgiã, uma Edição Especial da Revista da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, a Revista SBN Hoje. O lançamento desta Edição Especial no XXXII Congresso Brasileiro de Neurocirurgia, em Porto Alegre (RS), não poderia ser mais apropriado, pois coincide com o primeiro simpósio preparado especialmente para as mulheres, dentro da programação científica oficial do evento.

Essa publicação surge a partir da criação da Comissão Mulher Neurocirurgiã, comissão temporária formada em junho de 2017, que se tornou permanente em outubro do mesmo ano, pela primeira vez em 60 anos de história da SBN. A missão da Comissão é incentivar e encorajar as neurocirurgiãs a alcançarem seus objetivos profissionais e pessoais; servir à SBN e à neurocirurgia na abordagem das questões inerentes à capacitação e ao exercício profissional; manter uma força de trabalho diversa e balanceada; e incentivar jovens estudantes a não desistirem dos seus sonhos. E nada melhor do que uma Revista especial com foco nas neurocirurgiãs para fomentar estes objetivos. A aprovação e o incentivo da Diretoria da SBN (Gestão 2017-2018) foram fundamentais para a concretização desse projeto.

Nesta edição, debatemos os avanços conquistados pela mulher neurocirurgiã no Brasil e no mundo, com depoimentos, histórias interessantes e perspectivas para o futuro. O objetivo principal é traçar uma narrativa ampla, percorrendo as diferentes trilhas que trouxeram as mulheres ao patamar em que se encontram hoje, e contribuir para superar a situação de invisibilidade imposta a elas. Discorreremos também sobre educação, mercado de trabalho e direitos das mulheres.

A primeira parte da Revista apresenta os desafios e as conquistas das neurocirurgiãs brasileiras segundo o relato de referências nacionais e pioneiras. Em seguida, estudantes de medicina e residentes de



**DRA. MARIANGELA  
GONÇALVES**

Editora da Revista  
Mulher Neurocirurgiã  
SBN - Edição Especial.

neurocirurgia discorrem sobre estímulos e dificuldades próprias à entrada na residência e ao início da carreira. O tema maternidade e neurocirurgia é foco de matéria específica. A diversidade de experiências é evidenciada nos relatos de neurocirurgiãs de diferentes continentes que destacam os desafios próprios da profissão. O último bloco temático “Elas por eles” inclui entrevistas e artigos de neurocirurgiões brasileiros sobre a convivência com neurocirurgiãs e uma reflexão sobre o exercício da neurocirurgia por mulheres.

A Revista, portanto, reúne uma série de dados e informações que levam à discussão sobre mulheres e neurocirurgia no Brasil e no mundo. De fontes diferentes e com olhares distintos, apresenta um panorama e contextualiza a realidade das mulheres neurocirurgiãs.

Para elaborar este panorama, preparamos um questionário e o disponibilizamos para todas as 134 associadas da SBN. Os resultados são informações essenciais para a conclusão dessa publicação e possibilitaram a criação do anuário, apresentado no final da Revista. Para completar e enriquecer esse registro histórico, recorreremos também às especialistas internacionais, por meio de entrevistas, coleta de dados e realização de pesquisas.

No Brasil, bem como em todo o mundo, grupos organizados de mulheres, como a *Women in Neurosurgery* nos Estados Unidos, tomam em suas mãos as rédeas de seus destinos. E acreditamos que esse pensamento possa ser replicado entre nós com a leitura útil e agradável da Revista Mulher Neurocirurgiã. Ela pode inspirar e abrir janelas de oportunidades para todas aquelas que já exercem e para as que sonham em exercer essa fascinante especialidade.

**BOA LEITURA!**

**“O OBJETIVO  
PRINCIPAL É  
TRAÇAR UMA  
NARRATIVA  
AMPLA,  
PERCORRENDO  
DIFERENTES  
TRILHAS QUE  
TROUXERAM AS  
MULHERES AO  
PATAMAR EM QUE  
SE ENCONTRAM  
HOJE.”**



# Mulheres no mercado da neurocirurgia: desafios e conquistas

Uma história de perseverança, coragem e competência. Assim podemos resumir a trajetória das mulheres que desafiaram preconceitos e deixaram a sua marca na medicina. Ainda que elas tenham esperado muito tempo – no Brasil, por exemplo, apenas em 1879 foi permitida a matrícula de mulheres nos cursos superiores – conquistaram reconhecimento e foram percussoras do movimento em direção a igualdade de gêneros.

Nos últimos anos, elas estão cada vez mais presentes na área médica, mas ainda existe um longo caminho a percorrer. Prova disso é que, desde 2009, o número de mulheres que entram na medicina no Brasil é maior que o de homens, mas a atuação feminina é bem menor na área de cirurgia – mais de 90% dos profissionais são homens, conforme pesquisa da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

A neurocirurgiã, que atende crianças há mais de 15 anos, Dra. Nelci Zanon Collange avalia que há um preconceito inconsciente, mas real. “Na cirurgia é um pouco mais evidente. Quando chega uma médica cirurgiã, desconhecida num centro cirúrgico novo, os atendentes perguntam a qual equipe você pertence ou quem é o chefe da equipe. Já um instrumentador homem, por exemplo, geralmente, é confundido com o médico”.

No entanto, ela ressalta que as barreiras, às vezes se iniciam já nos processos de recrutamento e seleção. “Conheço casos em que a candidata tirou nota máxima na prova escrita e tinha um bom currículo, mas zerou na entrevista. Outros selecionadores foram mais diretos e disseram ‘aqui mulher não entra’. Existem também outros comportamentos mais misóginos para que as colegas desistam, mas, felizmente, essas histórias pertencem ao passado”, conta a Dra. Nelci.

A neurocirurgiã oncológica Tatiana Vilasboas lembra das dificuldades enfrentadas no início da carreira. “Meu professor, chefe do serviço, durante minha entrevista para ingressar na residência, expressou abertamente sua opinião de que a neurocirurgia é uma área muito desgastante, sobretudo para mulheres”.

Ela reforça que tem dúvidas em relação ao



**DRA. NELCI  
ZANON COLLANGE**  
Neurocirurgiã e membro  
da Comissão Mulheres  
Neurocirurgiãs da SBN.



**DRA. TATIANA  
PERES VILASBOAS**  
Neurocirurgiã oncológica  
e membro da Comissão Mulheres  
Neurocirurgiãs da SBN.

espaço conquistado quando se fala em liderança. “Existem diversas mulheres extremamente competentes e que galgam postos de liderança, porém um pequeno número chega ao cargo máximo de chefia. Poucas delas são presidentes de sociedades neurocirúrgicas no mundo e gestoras de saúde”. E frisa também a necessidade de quebrar os estereótipos e incentivar a meritocracia. “Os homens ainda são a maioria nesse universo e por isso precisamos do apoio de todos para que os presidentes, os diretores e os gestores sejam eleitos a despeito

do coleguismo e do apoio de classes”, diz a Dra. Tatiana.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) corroboram essa visão – a participação feminina vai caindo conforme aumenta o nível hierárquico. As mulheres representam 37% dos cargos de direção e gerência. No topo, nos comitês executivos de grandes empresas, elas são apenas 10% no Brasil. Além disso, relatório do Fórum Econômico Mundial afirma que a igualdade de gêneros só será possível em 2095 e que a disparidade, quando se trata de participação econômica e oportunidades para as mulheres, gira em torno de 60%. O Brasil está em 124º lugar, entre 142

países, no ranking de igualdade de salários. O público feminino ganha, em média, 73,7% do salário recebido pelos homens, de acordo com a última pesquisa da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios).

Apesar de muitas mulheres ainda ganharem menos do que os homens, exercendo as mesmas funções, um grande espaço já foi conquistado, na visão da Dra. Nelci Zanon Collange. “A realidade hoje é bem diferente do passado e o tempo se encarregará de amenizar as arestas e fazer com que as qualidades individuais se sobreponham as indicações e que a meritocracia chegue na questão coletiva, independentemente da questão de gênero”, opina.



## Maternidade e Neurocirurgia

Outro desafio para as mulheres é a maternidade, que segue acompanhada por casos de discriminação e preconceito quando o assunto é a carreira. Um estudo da empresa de pesquisa de mercado *MindMiners* aponta que quase metade das mulheres no Brasil já foram rejeitadas para uma vaga de emprego simplesmente por serem mães ou desejarem ter filhos. Entre os cenários apontados por elas, estão o desencorajamento na hora de marcar consultas médicas durante o horário de trabalho (28%), a sobrecarga de tarefas (26%) e os comentários desagradáveis relacionados à gestação (20%). Oito por cento chegou até a desfrutar menos da licença maternidade por medo de perder o emprego na volta.

Por outro lado, algumas companhias já acenam mudanças com programas dedicados às profissionais mães. E se multiplicam exemplos de mulheres de sucesso que conciliam maternidade e carreira. Para as mães da área da saúde, não é diferente. Apesar da rotina extenuante exigir um esforço ainda maior, elas mostram que é possível obter êxito na profissão sem descuidar dos filhos.

No segundo ano de residência, a neurocirurgiã Tatiana Vilasboas engravidou de seu primeiro filho. A gravidez não planejada fez com que ela tivesse que colocar um esforço extra para seguir com seus objetivos. “Não aconselho ninguém a planejar uma gravidez durante a residência. É muito desgastante, mas não é impossível. Com muita dedicação e esforço, ela pode ser trilhada com sucesso”.

A neurocirurgiã conta que o receio de um de seus chefes e de seus colegas era que ela não aguentasse a carga de trabalho e diminuísse o ritmo, mas estar grávida não reduziu em nada sua contribuição. “Cumri todos os meus plantões incluindo a cobertura das férias dos colegas de residência. Consegui trabalhar até o último dia da gravidez. Fiquei afastada por 4 meses depois que o meu filho nasceu. Optei por continuar a residência e, por 4 anos, eu e meu esposo moramos em diferentes cidades. Eu e ele, com o auxílio de várias pessoas, cuidávamos do meu bebê”, lembra. ■



# “Para a jovem acadêmica que vislumbra na Neurocirurgia seu sonho, vá atrás.”



DRA. DENISE  
MARQUES DE ASSIS  
Membro da Comissão Mulheres  
Neurocirurgiãs da SBN.

*“Deu para perceber que gosto de desafios?”.*

Foi em tom descontraído que a neurocirurgiã Denise Marques de Assis, de 53 anos, contou sua história de 30 anos de carreira.

.....

Denise se formou em 1988 pela Universidade Federal de Minas Gerais e realizou sua residência de Neurocirurgia na Universidade de São Paulo – em Ribeirão Preto. Atualmente, possui dois empregos públicos. “Em um deles, na Polícia Militar, vou todos os dias, tenho um horário a cumprir mais rígido. Sou chefe da Clínica Neurológica, com uma carga horária de 25 horas semanais presenciais distribuídas entre ambulatório, enfermaria e cirurgia eletiva”, conta. Além disso, a médica também completa 24 horas de plantões semanais em 2 turnos de 12 horas no Hospital João XXIII, em Belo Horizonte - MG, e também atende em consultório, uma vez por semana. “Para os finais de semana, rodízio com os colegas!”, completa a neurocirurgiã.

Mesmo com uma rotina exaustiva, a Dra. Denise parece ser incansável e quando perguntada sobre sua vida pessoal, a mesma afirma: “Consigo viajar nas férias, jantar fora e fazer coisas que pessoas normais fazem (risos)”. A neurocirurgiã é casada, tem um filho e também cuida de seus pais, que já são idosos. “Ao longo do tempo, a vida nos ensina a dosar e doar nosso tempo”, diz.



## Trajectoria

“Piolho de hospital”, é assim que a Dra. Denise se denomina quando era acadêmica. “Fiz todos os estágios possíveis e disponíveis para acadêmicos. Era muito curiosa. Nunca vou esquecer da minha primeira neurocirurgia. Operamos uma fratura com afundamento craniano em um lactente de seis meses. Desse momento em diante, fiquei ainda mais fascinada pela especialidade”, confessa.

Outra história que a médica se recorda é quando um neurocirurgião estava precisando de um acadêmico auxiliar e ela prontamente se ofereceu a ajudar. “Ele me perguntou em qual cirurgia eu já havia auxiliado e mais que depressa respondi: afundamento! Ótimo, é exatamente um afundamento agora. Mas... ele não me disse que era um fronto-basal aberto de um paciente chocado”, relembra.

Quando terminou a residência, a neurocirurgiã tinha em mente seguir carreira acadêmica. Porém, acabou se envolvendo com a carreira militar. “De certa forma, desenvolvi a docência lá, criando disciplinas e rotinas de treinamento de atendimento a vítimas em atividades militares. A Medicina de Urgência e Trauma aliada à vida militar também é emocionante”, revela.

“

***Fiz todos os estágios possíveis e disponíveis para acadêmicos. Era muito curiosa. Nunca vou esquecer da minha primeira neurocirurgia.***

***Desse momento em diante, fiquei ainda mais fascinada pela especialidade.***

## Dificuldades

Há muitos percalços que o sexo feminino deve enfrentar para realizar seu sonho. “A mulher é muito cobrada pela sociedade a estar muito presente em casa. Não necessariamente como dona de casa, mas à frente de exigências familiares maiores, principalmente, filhos. E a medicina nos exige uma dedicação em que é necessário dosar o tempo entre estudo, pacientes e família”, explica Dra. Denise.

Quando começou a Neurocirurgia há 30 anos, a especialista lembra que eram poucas mulheres e todas eram vistas como ousadas. “O meio era muito masculino e os colegas ficavam um pouco incomodados com nossa desenvoltura. Tínhamos que nos desdobrar, mostrar que podíamos fazer tanto ou melhor que eles, sempre trabalhando mais, pois não existia um meio de camaradagem”, ressalta.

Como um conselho para as mais jovens, orienta: “Vá atrás. Tente. Não desista sem conhecer. De um modo geral, quem está de fora só vê as dificuldades. Veja-as como oportunidades!”. ■

# Cargos de liderança?

## Sim, elas podem!

Sob pressão. Foi assim o início da carreira da neurocirurgiã Audrey Beatriz Santos Araújo, que mora em Belo Horizonte, com seu marido e dois filhos. Aos 23 anos, quando se formou em medicina e chegara a hora de escolher a especialidade, a Dra. Audrey já tinha descoberto a sua paixão – o cérebro e suas complexidades, mas quase desistiu da carreira ao ser confrontada por alguns colegas. “Naquela época, as provas de admissão para residência médica continham uma entrevista como parte da pontuação. Em um serviço em que fiz prova, na entrevista me disseram que neurocirurgia era coisa de homem, que lá não aceitavam mulheres, pois as cirurgias eram longas e desgastantes e que neurologia clínica combinava mais com o gênero feminino”, lembra.

A médica então partiu para o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), onde havia duas vagas de R1 e, por coincidência do destino, além da dela, outra mulher foi aprovada. “Como fui a segunda a fazer a inscrição, o chefe da COREME - Comissão Nacional de Residência Médica da época sugeriu que eu fosse para casa pensar antes de me inscrever: tinham medo que duas mulheres juntas se jogassem ao chão e puxassem os cabelos uma da outra! Retornei no dia seguinte e nunca mais me afastei da neurocirurgia”, conta.

Hoje, com 49 anos, a médica ocupa o cargo de coordenação da neurocirurgia do Hospital Metropolitano Odilon Behrens. “É claro que necessitei abdicar de muitos eventos sociais e familiares, de horas de sono e tive muitas noites



**DRA. AUDREY BEATRIZ SANTOS ARAÚJO**

Neurocirurgiã e coordenadora da neurocirurgia do Hospital Metropolitano Odilon Behrens.

de trabalho árduo. Mas, com apoio familiar, com meus pais sempre me “empurrando”, meu marido (não médico) tão presente que alguns colegas de turma achavam que ele tinha se formado conosco e ainda dois filhos que se acostumaram com minha ausência e horas ao telefone e no whatsapp, consegui me manter sempre resistente e proativa”, resume.

O preconceito de gênero percebido na época, porém, ainda é algo inerente aos dias atuais, acredita. Mesmo depois de anos de carreira, ela enfrenta situações delicadas de machismo que, muitas vezes, vem como piadas. “Certa vez, durante um jantar do qual participei com um grupo de residentes e preceptores, um neurocirurgião perguntou-me o que eu faria se o aneurisma rompesse. Ele mesmo respondeu à pergunta, em tom de chacota: grita e puxa o cabelo?”, afirma.

Durante a residência, a neurocirurgiã provou a todos a sua capacidade e, aos poucos, foi conquistando o respeito e admiração dos colegas e chefes. Fez mestrado e doutorado no HC-UFMG.

Como resultado, a especialista acredita que a posição de coordenação fluiu naturalmente, pois contou com pessoas que souberam reconhecer e valorizar o seu trabalho. “Com o passar dos anos, conseguimos aumentar o movimento cirúrgico do hospital e melhorar a assistência aos pacientes, além de adquirir instrumental e materiais específicos para neurocirurgia. Então,

quando percebemos, tínhamos um serviço bem equipado, em franco crescimento e realizando atendimento neurocirúrgico de qualidade. A introdução do programa de residência veio completar esta evolução natural. Não sou boa com marketing e propaganda, mas acho que se a pessoa se empenha, consegue receber o respeito dos colegas”, afirma.

Para construir a carreira sólida e de sucesso, a médica afirma que resiliência e paciência são fatores essenciais. “Facilidade de comunicação e respeito com os colegas também são pontos importantes para conseguir se manter num cargo de liderança, em qualquer situação”, comenta.

## Realidade no Acre

A 2.135 km da capital do País, a neurocirurgiã Dra. Tammy Sabóia de Oliveira, de 31 anos, se formou em Medicina na Universidade Federal do Acre e fez Residência no Hospital da Restauração em Recife.

A Dra. Tammy escolheu a neurocirurgia logo após de entrar na faculdade. “Eu entrei na medicina para fazer alguma área cirúrgica e não sabia muito bem o que era. Quando eu estudei neuroanatomia, fiquei realmente muito fascinada e gostei muito”, conta.

E nada fez com que a doutora mudasse de ideia. “Não tive dificuldades para seguir com a carreira. A única coisa que posso afirmar é que esta área é muito pesada e o treinamento é muito intenso, pois são muitas horas de cirurgia, por exemplo. Mas acredito que seja assim em toda área cirúrgica e não apenas na neurocirurgia”, explica.

Há muitas diferenças do Acre para os outros estados do Brasil, mas a médica acredita que isso já tenha ficado para trás. “Quando fiz faculdade, eu via que a neurocirurgia daqui era muito defasada. Hoje não acredito que haja barreiras para atuação da especialidade”, diz.

Logo quando a Dra. Tammy terminou a faculdade, há cerca de 7 anos, o Instituto de Neurocirurgia e Neurologia da Amazônia Ocidental (INAO), assumiu a neurocirurgia do Acre. O INAO conta com um bom nível de profissionais e possui equipamentos de ponta como o neuronavegador cirúrgico.

Em um serviço público, como o que a Dra. Audrey trabalha e que realiza atendimentos 100% pelo SUS, a tranquilidade deve ser ainda maior, uma vez que as dificuldades naturais da neurocirurgia se misturam com as incongruências da administração pública. “Reinventam a roda, tudo que o gestor anterior fez não tem sentido, os objetivos e metas modificam. Sempre tem alguém para questionar suas decisões. Então não é muito fácil identificar mulheres que se submetam a tanta inconstância e tenham vontade de se manter no cargo”, finaliza.



**DRA. TAMMY SABÓIA  
DE OLIVEIRA**

Neurocirurgiã no Acre.

## Atuação

A representatividade feminina é destaque no Acre. “No estado, só temos três neurocirurgiões que efetivamente moram aqui e trabalham no INAO e destes três, duas são mulheres”, diz.

Felizmente, a Dra. nunca sofreu preconceito por ser mulher e ama o que faz. “Considero que faço por vocação e apesar de tudo que a medicina acaba cobrando das nossas vidas, agradeço a Deus todo dia por ter me colocado nesse caminho”, afirma.

Quando perguntada sobre uma história marcante de sua carreira, a médica responde: “Não tem uma, são várias. Sempre me emociono com mães agradecidas. Mas, é importante frisar que não há apenas lembranças boas, porque às vezes carregamos o peso de alguma falha ou quando não conseguimos ajudar como desejaríamos. Marca nos dois sentidos”, conclui. ■



# Pioneiras da neurocirurgia

“No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho.” Trecho do poema ‘No meio do caminho’, de Carlos Drummond de Andrade

O poeta modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade escreveu, em 1928, o poema descrito na página anterior, considerado um escândalo na época por conter inúmeras repetições. Noventa anos depois, as frases do célebre escritor mostram que no caminho da vida há sempre um obstáculo. Todas as pessoas que tiveram que lidar com o inesperado e vencer um desafio, se veem nas palavras do poeta.

A paulista Dra. Cleyde Cley e a carioca Dra. Noya Chaves foram duas destas pessoas que poderiam ter inspirado o brilhante Drummond. Ambas desafiaram tudo o que estava em volta e resolveram se aventurar na neurocirurgia.

Nos anos 1970, quando optaram em seguir a especialidade, a neurocirurgia era vista como uma profissão masculina e as mulheres que cursavam medicina na época eram estimuladas a seguir as carreiras em obstetrícia, pediatria ou clínica geral.

Ao desafiarem esse senso comum, se tornaram referência no pioneirismo de mulheres nessa área da medicina. E servem ainda mais como exemplo quando contam a motivação principal para optar pela especialidade: ajudar a quem precisa.

Naquele período, não existiam equipamentos para auxiliar em uma cirurgia como a tomografia, ressonância ou ultrassonografia de hoje. Os diagnósticos eram feitos por meio de angiografia com punção direta das carótidas e as craniotomias eram feitas com trépano manual. Abrir um crânio, por exemplo, exigia muito mais força física e resistência.

Como esperavam, não tiveram nenhum tipo de benefício nas atividades físicas e as mesmas tarefas feitas por homens eram desempenhadas por elas. Poucos acreditavam que elas aguentariam, mas seguiram firmes e se tornaram grandes exemplos na história da neurocirurgia. ■



## Raio-X

### Dra. Noya Rocha da Silva Chaves

Em 20 de julho de 1940, nascia Noya, a filha caçula de um casal humilde que morava no Rio de Janeiro, mas vieram da lavoura no estado do Espírito Santo.

Noya teve uma infância simples ao lado da irmã mais velha, mas a adolescência foi um período que reservou o primeiro desafio da vida da futura médica. Ainda jovem, durante quatro anos sofreu com uma tuberculose ganglionar. “Quando entrei no primeiro ano da faculdade eu estava muito debilitada devido ao intenso sangramento menstrual que apresentava por não ovular”.

Mesmo com dificuldades para fazer com que seu corpo acompanhasse a sua mente, Dra. Noya resistiu e insistiu no curso de medicina da UEG - Universidade do Estado da Guanabara -- que, posteriormente, passou a ser UERJ. Era uma das 6 mulheres da classe que tinha 70 homens e já no primeiro ano conheceu Victor Leonardo, que estava no segundo ano de medicina e depois de seis anos seria seu marido. A vontade de se especializar em neurocirurgia veio das maravilhosas aulas ministradas pelo professor Pedro Sampaio, no quinto ano do curso médico e de sua habilidade manual. Noya sempre foi muito boa em trabalhar com as mãos. Já na escolha pela carreira, causou certo espanto em algumas pessoas. “Quando um colega de curso do Leonardo soube que eu ia fazer neurocirurgia ele questionou meu marido - namorado na época - “você vai deixar? Isso não é especialidade para mulher. Meu marido disse: ela vai fazer o que ela quiser e eu vou apoiá-la”, lembra com carinho.

Em 1967, Dra. Noya entrou como bolsista no Pronto Socorro (PS) do Hospital Municipal Miguel Couto - RJ. Foram dois anos trabalhando no PS. Durante a experiência, conversou com o professor, chefe do serviço de neurocirurgia desse hospital, se poderia ajudar o neurocirurgião de plantão fora do horário de trabalho e auxiliá-lo nas atividades, e ele deixou. “Anos mais tarde, por meio de um

neurocirurgião, descobri que este professor atendeu o meu pedido desacreditando que eu iria conseguir. Eu não sofri preconceitos diretos, mas fui desacreditada em algumas ocasiões”, comenta a médica.

Em 1968, já no sexto ano, teria que fazer o “internato” na cadeira escolhida como especialidade. “Procurei o catedrático do serviço de neurocirurgia do HUPE - professor Ribe Portugal - e perguntei se poderia frequentar o serviço dele. Foi muito bem aceita e acreditada. Na ocasião, o chefe de clínica era o professor Pedro Sampaio”, lembra.

Em 1969, Dra. Noya se tornou a primeira residente em neurocirurgia no Hospital Pedro Ernesto. Em 1970, foi contratada como médica do serviço e, em 1974, fez concurso de especialização e foi aprovada.

Seguiu sua carreira na instituição como neurocirurgiã e professora de medicina na UERJ. Após a saída do professor Portugal da cátedra e a entrada do professor Pedro Sampaio, foi nomeada como chefe de clínica onde permaneceu até 1997 quando se aposentou.

Trabalhou também como plantonista nos serviços de emergência do Hospital Getúlio Vargas e depois no Hospital Geral de Bonsucesso. Diz, no entanto, que sua verdadeira “casa” foi o HUPE, pois foi lá que se fez médica, aprendeu e ensinou neurocirurgia. “Os desafios da profissão, no entanto, foram grandes, não só para

mim como para os demais colegas. Em uma época em que haviam poucos especialistas e menos tecnologias, o dia a dia era bastante intenso. Naquela época não contávamos com toda a tecnologia de equipamentos de saúde que nos ajudassem a identificar as doenças e nos auxiliassem nos tratamentos e os exames complementares, como mielografia e pneumoencefalografia, nos davam dados indiretos e as arteriografias eram feitas por punção direta da carótida. Após entrar em cirurgia e depois passar visita nos pacientes da enfermaria, eu descia para o serviço de radiologia onde auxiliava e aprendia a fazer os exames neuro-radiológicos. Devido ao intenso trabalho, algumas vezes eu quebrava duas ou três ampolas de glicose hipertônica, bebia para substituir o almoço que não tivera tempo de fazer”, lembra.

Mesmo com a vida agitada, a neurocirurgiã afirma com toda a certeza que não teve que abdicar de nada para seguir adiante.

Em 13 de fevereiro de 1969, casou-se com seu namorado de faculdade, Leonardo, que havia se especializado em psiquiatria. “Por conta de problemas ovarianos, eu

não podia gerar um filho. Então, à medida que fomos nos estabilizando na profissão, e depois de muitas conversas, decidimos adotar uma menina com 11 dias de nascida, Tatiana, atualmente com 44 anos. No ano seguinte, adotamos a segunda menina com um mês e meio, Cristiane. Hoje com 43 anos”, afirma.

A Dra. Noya teve uma carreira brilhante e desempenhou com maestria a profissão que escolheu. Em 1997, ela se aposentou e, atualmente, se dedica à família e à saúde. Faz hidroginástica, pintura em quadros, passeia com seus dois netos, adora tecnologia e, em fevereiro deste ano, completou 49 anos de casada. Para os jovens

neurocirurgiões, a doutora não deixa conselhos. “Sou mais a favor dos exemplos. Eu aprendi muito com os exemplos. Persistência, coragem e vontade de vencer é o segredo para seguir em qualquer profissão. Eu nunca fugi das minhas obrigações. Sempre acompanhei os residentes nas cirurgias e fico feliz em ver que eu deixei alguma coisa, porque dei um bom exemplo não só na vida pessoal como na profissional”, finaliza. ■

“

***Eu não sofri preconceitos diretos, mas fui desacreditada em algumas ocasiões.***



### Dra. Cleyde Cley da Silva Vescio

---

Formada pela Universidade de São Paulo – USP, nos anos 1970, com 1,53 metros de altura e apenas 44 quilos, Dra. Cleyde Cley foi a primeira mulher a cursar residência em neurocirurgia do Hospital das Clínicas – HC de São Paulo.

A médica tinha um avental especial devido ao seu físico e nunca teve nenhum tipo de privilégio por seu gênero. Enfrentou sim alguns descréditos, mas não enxerga como preconceito. “Ao optar pela neurocirurgia, eu tinha o direito à residência no HC por estudar na USP e foi natural que alguns colegas achassem que eu não chegaria ao fim da especialização. Eu me sentia desafiada sempre, mas nunca deixei de fazer nada que foi designado a mim”, conta a médica.

Ela acredita que a desconfiança vinha não apenas por ser mulher, mas pelo seu tipo físico mesmo, já que a neurocirurgia naquela época exigia muita força e resiliência. “Para abrir uma calota craniana, por exemplo, era preciso uma trepanação

manual e depois usar a serra manual de Gigli. Além de toda esta força em cirurgias, havia a fase que exigia mãos firmes e a permanência em pé por horas”, lembra.

Dra. Cleyde fazia tudo com muita dedicação e destreza e, em momento algum se sentiu prejudicada por ser mulher. “Sempre fui bem aceita e respeitada como profissional pelos colegas e principalmente pelos pacientes”, afirma.

Não teve inspiração para seguir a profissão, seus pais não eram médicos e tem a certeza que nasceu com a vocação para a medicina. “Desde pequena eu adorava brincar de hospital, de cuidar dos outros”, conta.

Quando terminou a residência, foi trabalhar em um hospital particular e lá teve a oportunidade de assumir a liderança nas cirurgias. Naquela época, atendeu muitas emergências e sentiu os benefícios, raros, de ser mulher na especialidade. “Tanto pacientes homens quanto mulheres gostavam de ser atendidos por uma

## Raio-X

neurocirurgiã. Sentiam segurança”, afirma.

Também foi chefe de serviço em alguns hospitais particulares e, durante 28 anos, se dedicou ao Hospital Municipal do Tatuapé - SP, sendo a única mulher do período. Em 1974, Dra. Cleyde, com outras duas colegas do Rio de Janeiro, marcou mais uma vez a história da neurocirurgia.

Elas foram as primeiras mulheres aprovadas no País para a obtenção do título de Especialista pela AMB - Associação Médica Brasileira. E, em 1978, Dra. Cleyde foi a primeira mulher aceita como membro da SBN, sendo a única durante alguns anos. “Vejo este episódio não apenas como um reconhecimento do meu trabalho e dedicação, mas também

como grande responsabilidade. Por anos representei toda a classe de mulheres que objetivam a neurocirurgia como carreira e acredito ter sido um exemplo para todas elas”, comenta.

Aos 77 anos, a médica parou de operar e faz apenas atendimentos clínicos, em hospitais particulares. “Eu sinto muita

falta das salas de cirurgia, às vezes até sonho que estou operando. Mas tive que parar não apenas pela força física que a área exige, mas também pela disposição de atender casos em finais de semana e madrugadas”, conta.

Além dos atendimentos, ela também se dedica a sua segunda paixão - a arte.

Já pintou dezenas de quadros e, como artista plástica, participou de diversas exposições em galerias de artes e salões, tendo recebido alguns prêmios.

Atualmente, é divorciada e optou por não ter filhos. “Dediquei a minha vida à neurocirurgia e não me arrependo de nada do que fiz. Tenho orgulho daquilo que fiz e deixei

como legado”, afirma.

Para a neurocirurgiã, determinação e coragem são os segredos para construção de uma carreira sólida em neurocirurgia. “O importante é saber que haverá desafios e que você será capaz de superá-los. Tudo vale a pena”, finaliza. ■

“

***Não sou filha  
de médicos, mas  
desde pequena eu  
adorava brincar  
de hospital, de  
cuidar dos outros.  
Nasci com a  
vocação para  
a medicina.***

# Futuras neurocirurgiãs

Os desafios de quem escolheu a especialidade recentemente

“Desconheço alguma personagem feminina da área que não tenha ao menos uma história de tratamento desigual para dividir conosco. Já ouvi várias e compartilho do sentimento de injustiça, mas também da força para superá-la”, diz a estudante de medicina, Cibelle Melo, de 22 anos. Ciente dos obstáculos, disposição para nadar contra a corrente e vontade de fazer parte da mudança. Este é o pensamento das futuras neurocirurgiãs.

Cibelle acredita que a neurocirurgia tem uma carga de “abnegação e sacerdócio” elevadíssima. “Uma das matérias introdutórias ao curso de medicina é a neuroanatomia e suas nuances. Desde o primeiro período, recorde-me de ter ficado absorta por tamanha complexidade já destrinchada e pela ideia de infinitude que aguarda ser descoberta. Lembro ter desejado, ainda como um sonho distante, que queria ser uma das responsáveis por isso. Hoje, na reta final do curso, permito-me olhar para trás e contemplar o fortalecimento desse anseio ao longo dos anos”, conta.

Cibelle mora, atualmente, em João Pessoa e está no último ano do curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba. “Pretendo prestar o concurso para residência em neurocirurgia ainda este ano”, afirma. Além das atividades curriculares, ela divide seu tempo entre os estudos para as provas e o descanso e lazer com a família e amigos. “Desejo cultivar



**CIBELLE MELO**

Estudante do último ano de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



**IRACEMA ARAÚJO ESTEVÃO**

Recém-formada em medicina pela Universidade São Francisco (USF).

minhas amigadas, ter uma família saudável e praticar tudo o que me motiva a ser mais e melhor”, explica.

As expectativas da estudante com a neurocirurgia são altas, mas ela sabe que ainda há muitos desafios pela frente. E acha que uma das maneiras de seguir em frente com mais facilidade é ter em quem se espelhar. “Ter pessoas inspiradoras que já desbravaram o caminho que pretendo seguir alimenta a convicção de que também posso trilhá-lo. E por isso agradeço. Ter companheiras para dividir a carga e compartilhar as mesmas inseguranças, desafios e sonhos torna tudo mais leve”, finaliza.

## Outro olhar, mesma perspectiva

Iracema Araújo Estevão, de 26 anos, partilha da mesma ideia de Cibelle em relação a igualdade de gênero na neurocirurgia e está completamente empenhada em uma especialidade com maior presença feminina.

Recém-formada em medicina pela Universidade São Francisco (USF), é uma das organizadoras do Encontro de Mulheres na Medicina e já foi palestrante no Congresso da SBN onde dissertou sobre os temas “O que pode ser feito para encorajar as acadêmicas a entrarem na neurocirurgia” e “Por que ainda sonhar em fazer neurocirurgia hoje?”.

A médica escolheu a neurocirurgia ao longo do curso universitário e pretende prestar a residência no fim deste ano. “A especialidade era algo bem distante para mim no início da graduação, até porque eu não tinha muito contato com a área. Me aproximei devido a neuroanatomia que me fascinou e desde então procurei ligas acadêmicas para conhecer mais a fundo”, conta.

Ao ser questionada sobre os desafios, Iracema

responde: “Não vejo como desafios, mas sim como constantes superações. Durante o meu percurso em busca da neurocirurgia tive alguns pontos que me motivaram a ser melhor a cada dia”.

A futura neurocirurgiã afirma que houve mudanças positivas em relação a igualdade de gênero, porém não acredita que o preconceito esteja totalmente extinto. “Ainda há algumas situações que vivenciamos e que passam quase despercebidas, como por exemplo, poucas mulheres são convidadas para fazer avaliações de trabalhos acadêmicos. São situações sutis. Mas, ao longo desses anos tem sido observado um grande avanço e a própria criação da Comissão Mulheres Neurocirurgiãs tem mostrado que assim como outras entidades internacionais, a SBN também busca debater sobre o tema, o que demonstra que estamos no caminho certo”, afirma.

Para ela, o gênero não interfere nas atividades da área e a especialidade é uma questão de aptidão. “É necessário ter o perfil para a neurocirurgia”, finaliza.



## Fase final da residência

A participação das mulheres na medicina vem aumentando progressivamente e a mesma tendência se observa nas especialidades cirúrgicas, entre elas a neurocirurgia.

Nos últimos cinco anos, como residente desta especialidade, recebi múltiplos questionamentos de estudantes interessadas em saber não apenas sobre o trajeto até a tão esperada vaga de residência, mas principalmente sobre a vida como mulher residente numa especialidade composta em mais de 90% por homens.

Decidi fazer neurocirurgia no terceiro ano da graduação e certamente este foi o período de maior dúvida. Se por um lado houve inúmeras pessoas para apontar dificuldades e incertezas (carga horária de trabalho, preconceito, questões familiares), por outro tive a oportunidade de conhecer neurocirurgiões que me incentivaram e me ajudaram a consolidar minha decisão. Diante disto continuei.



**JULIETE MELO DINIZ**

Residente do quinto ano no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo/IAMSPE.

Durante as provas de residência ouvi relatos desanimadores sobre as entrevistas. Felizmente, as minhas se sucederam sem revesses. Fui aprovada em alguns serviços e optei por seguir no IAMSPE.

No IAMSPE as dúvidas se dissiparam. Passei a conviver com uma equipe que me incentivou no meu crescimento profissional e pessoal e pelos quais nutro grande admiração. Os primeiros anos requereram paciência e maior esforço físico, nenhuma barreira intransponível. Nos anos subsequentes aprendi a operar, concluí mestrado e conheci diferentes serviços em outros países.

O paradigma e a cultura têm se modificado, dificuldades existem, mas o que se espera de um residente de neurocirurgia é dedicação e disposição independente do gênero.

Nesta fase final da residência, siga com a tranquilidade de ter escolhido a especialidade correta e com a certeza de que nada, absolutamente nada, resiste ao trabalho bem feito. ■



**DRA. DIANA DE SANTANA**

Neurocirurgiã e membro  
da Comissão Mulheres  
Neurocirurgiãs da SBN.  
Será mãe de gêmeos.

# Maternidade e carreira

É possível ser uma profissional  
bem sucedida sem abrir mão  
do sonho de ser mãe?

A neurocirurgiã Diana de  
Santana garante que sim!

A decisão de ser mãe sem deixar de lado a profissão não é fácil. Além da rotina intensa, muitas mulheres enfrentam discriminação e preconceito no mercado de trabalho. Mas, apesar das dificuldades, elas garantem que é possível. Algumas afirmam ainda que o desafio é um impulso a mais no trabalho. Uma pesquisa publicada pela revista Forbes, aponta, inclusive, que as mulheres que são mães aumentam o seu grau de produtividade se comparado aos seus pares sem filhos.

A neurocirurgiã Dra. Diana de Santana confessa que ponderou muito sobre a sua decisão de ser mãe. Surpreendida com a notícia que está grávida de gêmeos, ela ressalta que as mulheres não devem ter medo diante da alegria de ter filhos e constituir uma família.

Confira a entrevista:

**[Revista Mulher Neurocirurgiã] São seus primeiros filhos? Nos conte um pouco sobre seu casamento e quando achou que era o momento de engravidar?**

[Dra. Diana] Sim, estes são meus primeiros filhos. Comecei o meu relacionamento no final da residência de neurocirurgia e estamos juntos há 6 anos. Nunca sabemos ao certo qual é o melhor momento para engravidar. Será que é melhor esperar estarmos estáveis profissionalmente? E se essa estabilidade demorar demais? Vale a

pena o risco de ter filhos em idade avançada? Qual o desejo do meu parceiro? No meu caso eu ponderei muito. Sempre foi um desejo meu ser mãe e conto com muito apoio tanto do meu parceiro quanto da minha família e isso foi fundamental na minha escolha para planejar a minha gravidez.

**[RMN] Quantos meses de gravidez e quais os nomes dos bebês?**

[Dra] Estou no momento com 7 meses de gravidez e ainda não decidimos os nomes dos bebês. Como o pai é inglês e a família dele mora na Inglaterra estamos tentando encontrar nomes que sejam de fácil pronúncia nos dois países. Achei que ia ser mais fácil a escolha, mas não é não! (Risos).

**[RMN] Há ônus e bônus nesse período gestacional para a carreira?**

[Dra] Com certeza. Grande parte das mulheres médicas são profissionais liberais, sem vínculo empregatício fixo. Os tipos de contrato mais comuns são como pessoa jurídica, portanto não temos nenhuma garantia salarial durante o período de afastamento para licença maternidade. Isso gera muita insegurança pois os nossos empregadores podem nos dispensar nesse momento tão crucial nas nossas vidas. Quando temos consultório próprio um outro



## Mulher e a neurocirurgia

*“É mulher e neurocirurgiã?”*

Essa foi a pergunta unânime que recebi em todas as entrevistas de seleção de residência médica que fiz quando prestei prova. E a resposta também foi unânime em todos os concursos prestados: **Sim, qual o problema?”**

*Frase extraída de texto escrito pela Dra. Diana de Santana em seu blog.*

dilema são os pacientes que acompanhamos. É sempre importante ter um outro colega como referência para que seus pacientes tenham a quem recorrer no período da sua ausência. O bônus é a alegria de ter filhos e constituir uma família. É algo muito especial!

### [RMN] Como são vistas as mulheres grávidas nesse mercado de trabalho?

[Dra] Já ouvi muitos relatos de que mulheres grávidas são um problema para o serviço e muitas equipes não contratam mulheres justamente pelo fato de que em algum momento da vida elas poderão sair para cumprir o período de licença maternidade. Isso infelizmente é uma realidade no nosso meio. Durante uma das entrevistas que fiz para prestar a residência médica em uma determinada instituição, me questionaram sobre o desejo de ser mãe, engravidar e constituir família. Isso jamais foi questionado para algum outro colega do sexo masculino e jamais deveria ser um critério para aprovação ou não em uma residência médica.

Já agora durante a minha gestação não tive nenhum problema nem nenhum empecilho no meu desempenho e atuação profissional. Continuei e continuo na minha rotina, fazendo as minhas cirurgias e todas as minhas atividades fora do trabalho. Os pacientes confiam muito quando o profissional é sincero, aberto e há um vínculo pessoal, portanto, não tive nenhum questionamento ou insegurança por parte deles.

Não acho que essa deve ser a realidade de todas as mulheres neurocirurgiãs, ainda há muito preconceito em relação a isso. Sempre ouço outros profissionais questionando se você está apta ao trabalho, se dá conta de fazer cirurgias, mas acredito que cada mulher deve estabelecer os seus limites, sempre em concordância com o

seu obstetra, visando o seu bem-estar e a saúde dos bebês. Este limite deve ser pessoal e não imposto pelo que as outras pessoas pensam ou imaginam.

### [RMN] Qual sua rotina atual e o que deve mudar com o bebê?

[Dra] Atualmente, tenho um vínculo público e outros vínculos privados, além de consultório, doutorado e vínculos de representação em entidades médicas. Com a vinda dos bebês devo cumprir o meu período de licença maternidade e obviamente a minha renda pessoal deve diminuir, portanto conto com a ajuda do meu parceiro, da minha família e das minhas economias para poder passar esse período bem. Passado esse período inicial pretendo continuar com minhas atividades de sempre.

Meu esposo vem de uma criação muito diferente da maioria das pessoas do Brasil onde as mulheres são figuras de liderança nacional, como a rainha e a primeira ministra, e as responsabilidades do cuidado da casa e da família são divididas igualmente entre os pais. Acredito que o cuidado dos filhos não é exclusividade da mãe e sim do casal! Todas as tarefas podem e devem ser divididas entre os pais, pois sempre fui criada desta forma e esses são os valores que gostaria de passar para os meus filhos.

### [RMN] Qual a dica para as neurocirurgiãs que querem ser mães?

[Dra] Não tenham medo se esse é o seu desejo pessoal. Não é fácil, mas se planeje, conte com o apoio da sua família e do(a) seu(sua) parceiro(a) e aceite ajuda. Existe uma rede de mulheres que cresce a cada dia e acredite que a sua luta é a luta de todas e com certeza, juntas somos mais fortes!

# NEUROCIRURGIÃS E MÃES

Em qualquer carreira, uma das questões que mais percorrem a cabeça das mulheres que anseiam ter filhos é como alcançar o equilíbrio entre a vida pessoal e a profissional. Elas não querem abdicar de sua profissão e tão pouco dos momentos em família, principalmente suas obrigações com os filhos. A neurocirurgiã Alessandra Gorgulho é direta na resposta à esta dúvida: “Não há equilíbrio. Quem descobrir, por favor me passa a fórmula”, afirma com muitos risos.

.....

Aos 45 anos, a especialista junto com o esposo, também Neurocirurgião, fundaram o Centro de Neurociência do HCor - Hospital do Coração (HCor Neuro), quando retornaram ao Brasil em 2012. Têm um filho de 11 anos, a quem ela atribui a maior mudança de sua vida. Após a faculdade de medicina em 1996, a Dra. Alessandra terminou a residência em Neurocirurgia na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) em 2002 e a especialização em Neurocirurgia da Dor na Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo). Interessou-se por uma área em Neurocirurgia pouco desenvolvida à época no Brasil e buscou diferenciar-se em duas sub-especializações nos Estados Unidos. Tornou-se Professora da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Lá conheceu o seu marido, o neurocirurgião Dr. Antonio De Salles. “Meu marido e eu temos a mesma subespecialidade, como se já não bastasse sermos os dois neurocirurgiões! Isso tem sido uma grande revelação profissional para ambos, pois dividimos o mesmo entusiasmo



**DRA. ALESSANDRA AUGUSTA GORGULHO**  
Neurocirurgiã no Hospital do Coração (HCor) em São Paulo e Presidente da Sociedade Brasileira de Radiocirurgia.



**DRA. MARISE AUGUSTO FERNANDES AUDI**  
Neurocirurgiã e Tesoureira da SBN.

pelos últimos desenvolvimentos científicos e pela pesquisa, além de nos completarmos nos cuidados dos pacientes. Somos dois cérebros para ajudar cada uma das pessoas que confiam em nosso trabalho no momento mais difícil de suas vidas, quando a saúde falha”, remarca.

Dois anos após o casamento, o casal resolveu ter um filho. “Senti que era o *timing*, pois eu já havia atingido os objetivos que tinha traçado para meu treino profissional, portanto resolvi priorizar a família. Minha mãe nos ajudou muito, pois ela se mudou do Brasil para os Estados Unidos para ajudar com o bebê. Fui muito afortunada nesse sentido, ninguém melhor que a própria mãe para cuidar de meu filho quando tenho uma profissão que demanda tanto. O difícil em se acoplar ambas as funções sendo Neurocirurgiã é que a especialidade não acomoda dedicação parcial. Ou se está no jogo

ou não. Dessa forma, é importante definir que “tipo de jogo jogar”, ou seja, qual será o foco do exercício neurocirúrgico na sua carreira. A mulher neurocirurgiã e mãe, em minha opinião, tem de encontrar um nicho e focar, com dedicação total. Nesse aspecto, o homem acaba podendo ser mais “ambicioso” nos seus objetivos dentro da profissão pois sofre menos pressão dos aspectos familiares, embora claro que muitos se envolvam e participem. O Antônio é muito presente na educação, formação e recreação de nosso filho. Mas o papel feminino é diferente e eu mesma acredito nesse formato de distribuição de afazeres. Novamente é uma sorte grande que trabalhamos tão juntos pois conto com o suporte e o entendimento da família toda, inclusive de minha mãe, na “distribuição” de tarefas. Contudo sempre acho que estou fazendo “menos” seja ora num aspecto ora em outro, sempre busco melhorar. Dá uma satisfação enorme ser tão ocupada, mesmo ainda não tendo encontrado o equilíbrio como me perguntou há pouco. Todavia não me bastaria uma vida mais “pacata””, conta.

Após o nascimento do seu filho, a neurocirurgiã continuou a exercer seu trabalho com toda a determinação de sempre, mas percebeu que outros assuntos se tornaram prioridades em sua vida. Para ela, o bem-estar de seu filho se tornou tão importante quanto seus objetivos profissionais. “Eu amo o que faço e me dedico a todos os pacientes, mas passei a não ter mais apenas como meta o sucesso profissional e, sim, o sucesso como mãe”, explica.

Foi por causa do pequeno Lucas que a Dra. Alessandra voltou ao Brasil. “O Estados Unidos da América é um país muito solitário. Apesar de haver muitas possibilidades de estudo e crescimento, gostaria de criar meu filho perto dos nossos familiares. Com certeza, ele acelerou a nossa vinda ao Brasil”, afirmou.

A especialista afirma que a rotina é corrida e, que a sensação de culpa por não poder acompanhar o filho em muitos momentos é quase que diária. “Mas eu acredito em educar

pelo exemplo. Faço os momentos que tenho com ele prazerosos. Procuo dar qualidade ao nosso contato. Há mães que passam quase todas as horas do dia com seus filhos e não acompanham seu desenvolvimento acadêmico nem tem um diálogo tão aberto com seus filhos como eu tenho com o meu.”, ressalta.

Educar pelo exemplo também é uma das frases da neurocirurgiã e membro da Diretoria e do Conselho Deliberativo da SBN, Marise Augusto Fernandes Audi, mãe de três crianças. A especialista enfrentou um desafio: teve seu primeiro filho ainda durante a residência em neurocirurgia. “Entrei na residência no início de 1985, aos 23 anos, quando passaria 1 ano na neurologia clínica e 3, exclusivamente na neurocirurgia. Namorava há 4 anos com um engenheiro da Petrobrás e decidimos nos casar. Em março de 1985, após 22 dias de preparativos, engravidei 3 meses após”, lembra.

O casal morava no litoral de São Paulo, na cidade de Santos, e tinha uma rotina bastante movimentada. Às 5h30 da manhã, a Dra. Marise deixava sua casa e ia à São Paulo para trabalhar, retornava apenas por volta das 22h. “Trabalhei durante todo o tempo, até o último dia, sendo que operei durante o dia e entrei em trabalho de parto de madrugada. Fiquei afastada pelo



mínimo de tempo, sem juntar as férias, para não prejudicar minha formação”, conta.

No caso da Dra. Marise foi a mãe que também a ajudou com os cuidados com o bebê. A especialista também sentia pela falta de tempo com a filha. “Lembro que, diariamente, minha mãe me dizia: que pena, hoje ela começou a fazer isto ou aquilo e você perdeu. Foi muito difícil, mas superei”, afirma.

No término da residência de neurocirurgia, que durou quatro anos, o casal teve uma segunda menina. “Trabalhei arduamente durante toda a gestação e também, só parei no último dia. A bebê estava com 18 dias, quando, por insistência minha, assumi o plantão à distância e passei visita nos pacientes internados no final de semana que estava pré-determinado para mim, para não prejudicar a equipe. Levava a bebê para a escolinha, com inúmeras mamadeiras de leite materno congelado, ordenhado durante a noite. Voltei a trabalhar em 2 meses e 1 dia e sempre que possível, passava na escolinha para amamentar o bebê”, conta.

A terceira filha do casal chegou quatro anos depois, quando a Dra. Marise conseguiu acertar um pouco mais sua rotina. Fora dos plantões, ela conseguia passar as noites e os finais de semana com as meninas e o marido.

Quando o equilíbrio parecia ter chegado à carreira da neurocirurgiã, a vida lhe impôs outros desafios. “Em 1994, meu pai faleceu repentinamente e eu tive que assumir as empresas da família por meio período. Assim sendo, trabalhava como médica pela manhã, alternando dias cirúrgicos com dias de consultas e à tarde era empresária”, lembra.

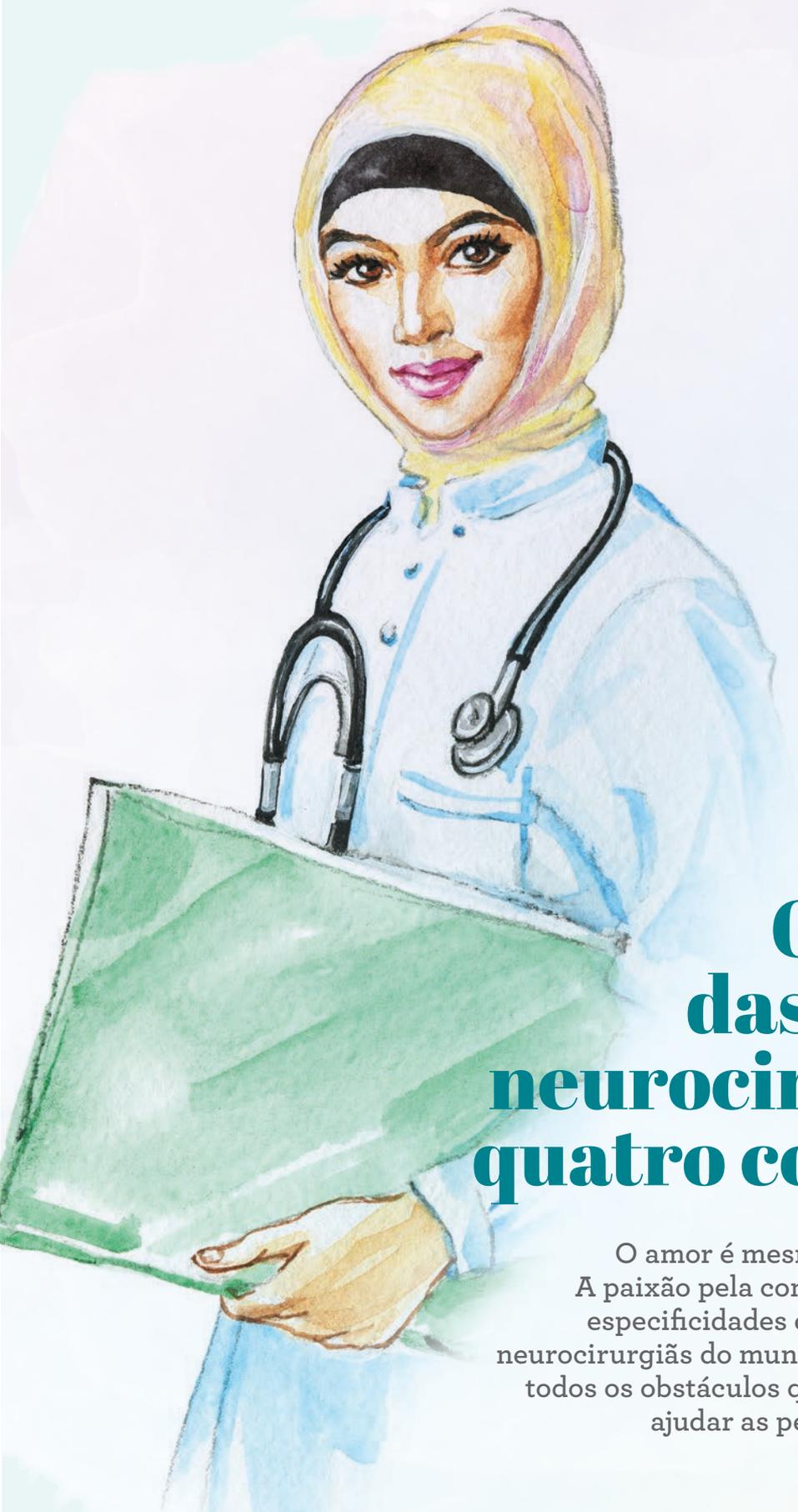
Cinco anos depois, sua mãe faleceu e dois anos após este luto, a neurocirurgiã foi acometida por um câncer de mama. “Nunca parei de trabalhar, exceto nos 3 dias subsequentes às quimioterapias, quando passava muito mal.

Consegui trabalhar normalmente durante as radioterapias. Fiquei careca, sem cílios ou sobrancelhas, por um ano. Foi horrível”, lembra

Ao se recuperar da doença e se separar do marido, por excesso de trabalho, a especialista percebeu que precisava trabalhar menos e dedicar mais tempo a ela. Portanto reduziu sua carga horária. “Em 2006 me divorciei e em 2007, casei novamente com o mesmo marido. Durante o divórcio, ele ficou morando com as crianças, e na guarda compartilhada, elas passavam 2 dias da semana comigo e finais de semana alternados. Após casar novamente, comecei a ter mais tempo para mim, iniciei atividade física em academia, comecei a cuidar melhor da saúde, da alimentação e até fiquei mais vaidosa”, explica.

Para a neurocirurgiã, é impossível não perder nada da vida pessoal nem da profissional quando se opta em se dedicar às duas, mas é possível ser feliz em ambas as áreas. “Hoje estou com 57 anos, casada e tenho o maior orgulho da família e das nossas conquistas. Para as que querem constituir família: não descuidem dos maridos. Redobrem os cuidados e atenção a eles. Nem todos suportam esse ritmo e a ausência da mulher em casa, por tão longos períodos”, conclui. ■





PELO MUNDO

# Os desafios das mulheres neurocirurgiãs em quatro continentes

O amor é mesmo um sentimento universal. A paixão pela complexidade do cérebro e suas especificidades é o ponto em comum entre as neurocirurgiãs do mundo, que optaram em transpor todos os obstáculos que a realidade impunha para ajudar as pessoas por meio da medicina.

Se no Brasil, as mulheres que escolhem a neurocirurgia como profissão enfrentam descréditos em algumas situações, em diversos países ao redor do mundo elas passam por circunstâncias parecidas ou até piores. Em comum, todas as neurocirurgiãs mostram que é possível vencer as convenções sociais e, assim, escrever suas próprias histórias. Acompanhe a realidade da neurocirurgia em alguns países:

## Paquistão e Arábia Saudita

No continente asiático e com pouco mais de 190 milhões de habitantes, está o Paquistão que se tornou um país independente apenas em 1947, ao deixar de ser colônia britânica. O país não é considerado um local pacífico porque, além de conflitos internos, protagonizou guerras históricas com grandes potências da economia mundial e se mostrou altamente militarizado e portador de armas nucleares.

No mesmo continente, está a Arábia Saudita com cerca de 32 milhões de habitantes. O país é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e foi formado em 1932, após a unificação de alguns territórios. Graças ao petróleo, o país estabeleceu uma relação de amizade com as grandes potências internacionais.

Em ambos os países, a maior parte da população é muçumana, mas a divisão xiita e sunita entre eles é motivo de conflitos religiosos. A política dos dois locais é bastante rígida para as mulheres que, de maneira geral, não têm os mesmos direitos que os homens. E a prática da medicina, tanto no Paquistão quanto na Arábia Saudita, não é uma ciência que está acima da fé. A religião é a mais forte das crenças.

Na história de luta e conquistas dos dois países, estão duas mulheres – Dra. Aneela Darbar (Paquistão) e Dra. Aisha Alhajjaj (Arábia Saudita)

que resolveram desafiar a realidade e ultrapassar os obstáculos das leis sociais e governamentais por um sonho – de ser neurocirurgiãs.

A caminhada em busca de realizar sonhos e obter tanto a satisfação pessoal quanto profissional não foi fácil para nenhuma destas mulheres, mas elas relembram suas histórias com muito entusiasmo.

A Dra. Aisha, por exemplo, foi a primeira mulher neurocirurgiã da Arábia Saudita e disse ter escolhido a medicina com apenas 3 anos de idade, a paixão pela especialização surgiu no primeiro contato com a disciplina. “A primeira dificuldade que enfrentei foi que a neurocirurgia por si só é um campo desafiador. Depois, a de ter sido colocada em meus ombros, a responsabilidade de provar que as mulheres podem fazer essa especialidade”, lembra.

A Dra. Aneela, por sua vez, que se tornou uma das dez neurocirurgiãs no Paquistão – há 150 especialistas do sexo masculino em neurocirurgia – também lembra que a escolha da profissão surgiu na infância. “Quando minha avó sofreu um derrame senti que eu deveria me tornar uma neurocirurgiã. Desde o episódio, fui atraída pelas complexidades da mente e do cérebro e sempre quis aprender e explorar sobre anatomia e diferentes funções deste sistema”, afirmou.

Para a médica, seguir o sonho não foi uma tarefa fácil, uma vez que a profissão por si só tem uma linha muito tênue entre a admiração e a rejeição das pessoas. “A neurocirurgia é de longe uma das ocupações mais desgastantes do ponto de vista emocional e físico. O pêndulo oscila para nós diariamente, passamos de deuses a nada em questão de minutos. Nós não temos espaço para vacilar”, afirma.

Escolher medicina, no entanto, uma carreira em que erros são pouco aceitos, não era o maior dos obstáculos para as médicas, ser mulher, sim. “Numa sociedade patriarcal como o Paquistão,

as mulheres são frequentemente tratadas como cidadãos de segunda classe. Portanto, aceitar uma mulher para operar na posse mais valiosa de seu corpo, ou seja, o cérebro não é fácil. Os pacientes sempre procuram um homem mais velho e experiente para ser seu neurocirurgião”, comenta a Dra. Aneela.

A Dra. Aisha também sentiu a mesma dificuldade. “Durante minha carreira, a maior dificuldade que enfrentei, sem dúvida, foi o meu espaço dentro de um ambiente muito masculino e competitivo. Entender a política e sobreviver”, lembra.

A confiança no trabalho das especialistas foi conquistada aos poucos, com a indicação de um e de outros que foram atendidos pelas médicas. Atualmente, as neurocirurgiãs têm uma rotina bastante exaustiva e carregam a responsabilidade de motivar e apoiar todas as estudantes de medicina que querem seguir a neurocirurgia como uma opção de carreira.

## Argélia, Estados Unidos e França

A diferença proporcional entre homens e mulheres neurocirurgiões na Argélia, Estados Unidos e França é menor do que nos países asiáticos. As mulheres que optam pela especialidade enfrentam alguns descréditos por determinadas pessoas, mas nada comparado aos desafios dos países islâmicos.

Na Argélia, por exemplo, há 340 neurocirurgiões certificados, sendo 85 (25%) deles mulheres, o maior percentual do mundo. A Dra. Bakhti Souad é membro da Sociedade Argelina de Neurocirurgia e presidente do Comitê Feminino da WFNS - *World Federation of Neurosurgical Societies* e afirma que no seu país, as dificuldades de mulheres que optam pela especialidade são as mesmas dos homens.

“A principal desvantagem para os neurocirurgiões argelinos no meu país é que alguns deles não confiam em si mesmos e nas tradições”, afirma.

A francesa Dra. Ana Paula Narata também compartilha da mesma opinião da Dra. Bakhti. “É uma especialidade muito masculina em qualquer país, mas não reservada aos homens. Nós podemos ter nosso espaço e mostrar nosso valor”, ressalta.

Para a doutora americana Kathryn Ko, no entanto, a diferença do número de mulheres e homens na especialidade foi um desafio na sua carreira. “Minha formação em residência em neurocirurgia foi muito desafiadora. Havia poucas mulheres, por isso foi bastante solitário. Mas, eu estava disposta a passar pelas dificuldades por causa da minha paixão pela neurocirurgia”, lembra.

No país norte americano, a luta pela igualdade das mulheres na especialidade começou em 1990, com a criação do *Women in Neurosurgery - WINS*, grupo cujo objetivo é promover um ambiente cooperativo e de apoio entre as mulheres que praticam neurocirurgia, incluindo aquelas em treinamento para se tornarem neurocirurgiãs. À medida que o grupo cresceu, tornou-se uma organização internacional com membros na Ásia, Europa e África.

Em 2010, ao completar 20 anos de existência, alguns membros da Comissão *WINS* escreveram artigos e ensaios sobre suas experiências na neurocirurgia. Os textos compuseram o livro *Heart of a Lion, hands of a woman*, que mostrou a força da Comissão e de todas as neurocirurgiãs pelo mundo.

Apesar dos diferentes locais de atuação, as três neurocirurgiãs acreditam que o grande desafio da profissão é administrar o tempo entre a vida profissional e pessoal. “Nossa rotina é a mesma para todas as mulheres que abraçam uma carreira. Mas se temos paixão em nosso trabalho, tudo é possível”, finaliza a Dra. Bakhti. ■

# ELAS POR ELES

O que pensam os colegas de profissão e o esposo da renomada neurocirurgiã.

# ELAS POR ELE

---

## Dr. Eliseu Paglioli

*Formado em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutor em Medicina e Ciências da Saúde. Líder no estudo internacional em cirurgia da epilepsia.*

Além da grande responsabilidade de salvar vidas, o neurocirurgião Eliseu Paglioli Neto tem uma carga extra que vem de seu sobrenome – é neto de um dos fundadores da SBN, o Dr. Elyseu Paglioli. Este grande nome ocupou a presidência da Sociedade nos anos de 1959 e 1974, deixando um legado muito importante na história da medicina.

O Dr. Eliseu Paglioli Neto seguiu os passos do pai e do avô e dedicou-se aos desafios do cérebro. O especialista atuou com muitas neurocirurgiãs e residentes e acredita que gênero não define capacidade e talento.

Acompanhe a entrevista exclusiva com o especialista:

### **[Revista Mulher] O senhor acredita que há barreiras sociais para as mulheres que querem seguir a especialidade da neurocirurgia?**

[Dr. Eliseu] Sou preceptor de residentes de neurocirurgia desde 1988, aqui em Porto Alegre, no Hospital São Lucas da PUCRS. Nestes 30 anos tivemos a oportunidade de receber para fazer a residência de neurocirurgia 8 mulheres (Rosa, Rosane, Cláudia, Caroline C, Daniela, Gláucia, Anne e Caroline K) e 22 homens. Olhando friamente estes números, parece haver uma óbvia desproporção, já que nas faculdades de medicina no Rio Grande do Sul a proporção de alunos homens/mulheres é favorável às mulheres (60% em alguns anos). Eu vejo muitas alunas interessadas pelas neurociências, dedicadas desde cedo ao estudo do cérebro. Mas acho que ainda existe um certo desinteresse de especialidades cirúrgicas por parte das mulheres. Nas 4 grandes áreas da medicina, a proporção de novas cirurgiãs é a menor (comparando com medicina interna, obstetrícia e pediatria). E, dentre as especialidades cirúrgicas, eu vejo as mulheres procurando muito mais algumas do que outras. Por exemplo, cirurgia plástica, pediátrica e otorrino têm muita procura, enquanto raríssimas

mulheres vão para traumatologia, proctologia, urologia, cirurgia torácica e cirurgia cardíaca. A neurocirurgia fica com uma procura intermediária, a meu ver. Acho que é uma especialidade muito associada a dedicação, desafio, habilidade manual e estudo continuado. E isto pode estar atraindo mais mulheres atualmente. Também é uma especialidade onde o talento individual parece suplantar limitações de força e resistência muscular.

**[RMN] Como o senhor avalia a formação da Comissão Mulheres Neurocirurgiãs da SBN?**

[Dr.] Em princípio, eu não gosto muito da ideia de separar homens para um lado e mulheres para outro lado a longo prazo. Mas acho que, enquanto as neurocirurgiãs sentirem necessidade da existência deste fórum especial de discussão, ele terá sentido. Esta foi uma iniciativa das neurocirurgiãs. No entanto, eu acredito que tudo o que pode ser debatido dentro de uma comissão de mulheres neurocirurgiãs certamente teria ainda maior relevância e abrangência se fosse apresentado também para uma plateia mista. Não sei, na verdade, quais são os objetivos específicos desta comissão. Se os objetivos são eliminar barreiras sociais na relação das neurocirurgiãs com a sociedade brasileira em geral ou com barreiras criadas por homens na sociedade brasileira de neurocirurgia.

**[RMN] Desde a fundação da SBN apenas homens ocuparam a presidência. O senhor vê a possibilidade de uma mulher ocupar esta posição?**

[Dr.] É claro que eu não vejo absolutamente nenhuma incompatibilidade da presidência da SBN ser ocupada por uma mulher. No início da SBN (e eu tenho inúmeras fotografias de meu avô nos primeiros congressos, nos anos de 1940) não existiam mulheres neurocirurgiãs no Brasil. Então é claro que os primeiros presidentes somente poderiam ser homens. Mas hoje não, pois já temos inúmeras neurocirurgiãs com experiência e representatividade profissional suficientes para abraçar a Presidência

ou o Congresso da SBN. Não vejo nenhuma diferença de capacidade em relação aos colegas homens.

**[RMN] Como o senhor vê a atuação das neurocirurgiãs na área? Ainda são minoria em relação aos homens que optam pela especialidade?**

[Dr.] A minha experiência com a formação de oito neurocirurgiãs foi excelente. Eu nunca pensei que haveria qualquer diferença com relação aos residentes homens. A dedicação, capacidade de aprendizado e efetividade profissional foram exatamente iguais. As diferenças que eu encontrei nunca foram devidas a gênero, e sim a características individuais. Tanto as positivas, quanto as negativas. E, após a conclusão da residência, a atuação profissional delas sempre foi exemplar. Nenhuma teve dificuldades em prosseguir com seus sonhos. Todas são neurocirurgiãs felizes com esta escolha de vida.

**[RMN] Qual conselho o senhor daria para as jovens residentes que querem seguir a carreira?**

[Dr.] O conselho que eu dou para todos os meus residentes é o mesmo, independente do gênero: estudem bastante, observem os acertos e os erros de seus mestres, procurem atender cada paciente com a máxima dedicação e não tenham pressa em fazer nada sozinhos.

# ÀS COLEGAS NEUROCIRURGIÃS

---

**Dr. Henrique S. Ivamoto**

*Serviço de Neurocirurgia da Santa  
Casa de Misericórdia de Santos.*

Desde a Idade Média, mulheres eram proibidas na Europa de estudar e exercer a medicina, sendo-lhes permitido atuar como auxiliares, enfermeiras ou parteiras. As primeiras alunas matriculadas em escolas médicas na Inglaterra e nos Estados Unidos, no século XIX, foram vítimas de agressões verbais e físicas. No Brasil, as mulheres só puderam matricular-se em cursos superiores após decreto de D. Pedro II de 1879. O número de médicas cresceu lentamente até que, em 2006, as novas inscrições femininas no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo passaram a superar as masculinas. Em algumas especialidades como neurocirurgia, ortopedia, cirurgia torácica e urologia, o número de mulheres ainda é pequeno.

Nos Estados Unidos, segundo Deborah L. Benzil e colaboradoras da associação *Women in Neurosurgery*, as médicas são vítimas de fenômenos discriminatórios que chamam de *glass house*, que as isola dos demais membros da equipe, e de *glass ceiling*, que previne sua ascensão profissional, acadêmica e dentro de organizações neurocirúrgicas.

Ocasionalmente algum cirurgião, em especialidades diversas, manifesta sua preocupação em trabalhar com mulheres, sejam residentes ou assistentes, receando que elas possam recusar plantões pesados ou em feriados, cirurgias exaustivas ou casos muito graves. No Serviço de Neurocirurgia da Santa Casa de Santos, instituído em 1952, todas nossas residentes enfrentaram situações adversas sem reclamar. Concluída a residência, uma delas permaneceu no serviço como assistente e depois foi eleita médica-chefe. Os pacientes elogiavam sua dedicação, o que motivou a publicação de um texto jornalístico sob o título “Médicas, Mães Paternais, Heroínas Anônimas”.

Marie Curie, um dos maiores nomes da ciência, contribuiu para a elucidar a radioatividade do urânio, descobriu o polônio e o rádio, ganhou dois prêmios Nobel, Química e Física, foi professora da Sorbonne e, embora não fosse médica, contribuiu para o desenvolvimento da Radiologia, Radioterapia e Medicina Nuclear. Apesar do seu extraordinário currículo

científico, seu pedido de ingresso na Academia Francesa de Ciências, que era formada apenas por homens, foi vetado.

Há alguns anos, uma jovem neurocirurgiã indiana, aparentemente uma vítima frágil, submissa e não reativa, foi reiteradamente hostilizada pelo chefe do departamento de um hospital da Harvard com ironias, sarcasmo e assédio sexual. As reclamações que ela fez na direção clínica foram infrutíferas e ainda resultaram em retaliação. Inconformada, decidiu procurar uma instância externa, a Justiça Federal, que condenou o chefe e o hospital a indenizá-la. O caso teve grande repercussão e o chefe, renomado neurocirurgião, pediu demissão do hospital. Esse triste exemplo de discriminação sexual ocorreu naquela prestigiosa universidade, cujo lema “Veritas” – pela verdade e contra preconceitos – foi desrespeitado, com desagradáveis consequências para todas as partes.

Essas citações exemplificam o preconceito contra mulheres na medicina e em outros ramos da Ciência, o que é paradoxal, pois revela a existência de irracionalidade entre cientistas cultos e inteligentes.

Felizmente, não temos notícia de casos semelhantes aos citados entre neurocirurgiões brasileiros. Contudo, uma entidade formada por mulheres servirá para vigiar, inibir assédios e auxiliar eventuais vítimas. Por outro lado, servirá também como fórum para outras questões de interesse comum e estimulará recém-formadas a escolher uma residência em neurocirurgia, o que levará ao florescimento da nossa Sociedade.

Às caras colegas integrantes desse importante capítulo da SBN, parabéns pela iniciativa e sucesso em sua lide!

---

## BIBLIOGRAFIA

- Benzil DL, Abosch A, Germano I, Gilmer H, Maraire JN, Muraszko K, et al. The future of neurosurgery: a white paper on the recruitment and retention of women in neuro surgery. *J Neurosurg.* 2008;109:378-86.
- Ivamoto HS. Médicas, mães paternais, heroínas anônimas. *A Tribuna.* 1996:A-18.
- Ivamoto HS, Morales R, Ivamoto LS, Vieira de Souza ESM. The Santas Casas da Misericórdia: Five centuries of philanthropy. 1998;1:11-3. Disponível em: <http://www.actamedica.org.br/noticia.asp?codigo=105>.
- Ivamoto HS. Women in Brazilian neurosurgery. *Arq Bras Neurocir* 29(3): 87-90, setembro de 2010.
- Ivamoto HS. Marie Curie e a Academia Francesa de Ciências. *Acta Medica Misericordiae* 1999; 2(2):89-90. Disponível em [http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=48&cod\\_menu=48](http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=48&cod_menu=48)

# OS ESPOSOS DAS NEUROCIRURGIÃS

**Dr. Antônio de Salles**

*Professor Emérito em Neurocirurgia e Radioterapia  
Universidade da Califórnia em Los Angeles  
Chefe do HCor Neurociência, São Paulo.*

O aumento da participação das mulheres em neurocirurgia tem aumentado o aspecto humanístico de nossa especialidade. Artigos importantes a respeito da dificuldade da mulher em medicina acadêmica apareceram nos últimos 30 anos (Breslow and Haynes 1981). Números interessantes são citados no artigo escrito pelas mulheres neurocirurgiãs americanas (Benzil et al 2008), mostrando que embora desde 1995 formarem-se mais médicas que médicos nos Estados Unidos, na proporção de 60% e 40% respectivamente, o número de mulheres terminando residência em neurocirurgia caiu em 13,5% entre 1990 e 2000.

Vários aspectos de nossa especialidade não são amigáveis à escolha das mulheres para serem neurocirurgiãs. Talvez um dos mais pungentes é falta da mentora modelo em neurocirurgia, como mencionado por Benzil et al. Interessantemente, desde que instituímos o programa de aprimoramento em Neurocirurgia Funcional e Radiocirurgia no serviço de Neurociências do HCor em São Paulo, tendo a Dra. Alessandra Gorgulho como mentora dos pós graduandos, aceitamos duas mulheres para o programa. Ambas contataram a Dra. Alessandra para candidatar-se em vez de me contatarem diretamente. O modelo feminino de sucesso dando suporte à mulher almejando o mesmo sucesso parece surtir efeito em nosso meio, este um dos primeiros aspectos apontado pelas mulheres americanas, definitivamente não é o único.

Tendo em vista a proporção de mulheres formando em neurocirurgia nos Estados Unidos, e também no cenário mundial, incluindo a Europa Central, deparamos com o fato que existe sim uma disparidade da presença da mulher em postos de liderança em neurocirurgia. Vide exemplo de uma pergunta simples com respostas negativas: quantas mulheres foram presidentes das nossas sociedades considerando tanto a Academia Brasileira de Neurocirurgia como a Sociedade Brasileira

de Neurocirurgia. Pungentemente vemos que as oportunidades foram escassas até o momento. A resposta negativa também se repete nos Estados Unidos.

Vemos uma luta cerrada entre os nossos colegas neurocirurgiões para atingirem estes postos de liderança política em nossas sociedades. Será que existem mais oportunidades para os homens? Seriam as mulheres menos assertivas para atingirem estes cargos? O artigo de Breslaw e Heynes discute em profundidade sobre a oportunidade das mulheres em medicina. Em entrevista com mulheres inglesas depara-se com o fato de que a maioria dos médicos generalistas no Reino Unido hoje são mulheres, enquanto as especialidades cirúrgicas continuam dominadas por homens, exceto em ginecologia e obstetrícia, onde mulheres estão sempre presentes. Aparentemente as mulheres preferem ser generalistas ou pediatras devido à possibilidade de coordenarem a vida profissional com a vida em família.

A neurocirurgia, uma especialidade tradicionalmente dominada por homens, no qual o prolongado e intenso treino compromete o período reprodutivo e suas obrigações com seus infantes, faz com que a competição para estabelecimento da vida profissional, tanto na prática privada como na vida acadêmica seja injusta para as mulheres, quando comparadas com os homens. Este fator pode influenciar sobremodo a escolha feminina para a especialidade. Em minha própria experiência, mesmo sendo homem, quando entrei no primeiro trabalho acadêmico nos Estados Unidos, o chefe do serviço e meu mentor de anos, neurocirurgião de sucesso mundial na década de 1980, uma vez me disse: “Você tem que se dedicar completamente ao nosso serviço ou não terá sucesso”, o que perguntei: E a dedicação à minha família? Sua resposta foi singular: “Já falhei três vezes, não posso te dar conselhos a este respeito”. A liberdade profissional da mulher já com filhos é muito diferente daquela que o homem possui, principalmente pelo constante conflito interno entre ser mãe e profissional.

Quando este artigo me foi encomendado, a pergunta que queriam que respondesse foi: Como é ser esposo de uma neurocirurgiã? Claro que é uma pergunta extremamente pessoal e a resposta que dou não é justa, pois estou casado também na profissão. Praticamos a mesma subespecialidade, sendo portanto um para o outro o perfeito complemento profissional, não só no conhecimento, mas também nas obrigações com pacientes. Mesmo assim sou honesto em afirmar que a Dra. Alessandra Gorgulho se preocupa muito mais com aspectos de nossa família de que eu me preocupo. Quando ela não pode estar presente, ela especificamente

me explica o que devo fazer para suprir sua falta junto ao nosso filho. Quando não existe este tipo de integração, a demanda de trabalho no esposo é intensa mas diferente, a mulher neurocirurgiã acaba tendo que aceitar um nível profissional comprometido, portanto perdendo na competição para seus colegas que gozam de ter uma esposa em casa aliviando-os das obrigações de família. Isto é bem demonstrado na vida acadêmica americana, onde durante os anos férteis das mulheres elas publicam menos, produzem menos financeiramente e conseqüentemente são menos promovidas, portanto não atingindo as posições de liderança e o mesmo retorno financeiro que os homens recebem.

Na lista de neurocirurgiãs de grande sucesso internacional de meu conhecimento, a qual tabulei em preparação para este artigo, noto que elas ou são casadas com neurocirurgiões, ou os maridos ficam mais em casa, sendo que a mulher assume o papel de principal provedora na família, ou elas são simplesmente solteiras. Em minha limitada lista que por discricção não apresento aqui, cheguei ao seguinte resultado: 30% são casadas com neurocirurgiões, 20% são solteiras, 30% são casadas com maridos cujo papel principal é a ocupação com os afazeres da família (respondendo pela expressão cunhada nos Estados Unidos como *Mr. Mom*), e 20% são casadas com cirurgiões em especialidades tão intensas como a neurocirurgia. Esses maridos por certo representam uma minoria da população geral, tendo a capacidade de entender as demandas profissionais da esposa, dando portanto, o suporte necessário para que elas floresçam em suas carreiras. Esta análise mostra que existe sim a necessidade de um suporte especial para que a mulher neurocirurgiã compita ao mesmo nível do neurocirurgião seu colega.

Alternativamente, resta-lhe apenas a abdicação do seu papel feminino de ser mãe de família. A percepção de que a responsabilidade primária de se manter a estrutura matriarcal familiar doméstica está arraigada em nossa cultura há séculos, tanto nos homens quanto nas mulheres faz com que muitos colegas digam que nossa especialidade não é para mulheres. Não porque não julguem as mulheres capazes de serem profissionais de calibre, mas simplesmente não anteveem como as duas funções podem ser acopladas de maneira exímia por uma mesma pessoa. As mulheres sentem que tem a obrigação em resolver os afazeres domésticos sozinhas, portanto frequentemente frustram-se. Sentem-se sempre “culpadas” que não fizeram tudo que poderiam ou deveriam em algum dos domínios. Está na hora de criarmos um modelo que dê suporte para àquelas mulheres que são realmente sérias e comprometidas com a excelência profissional para que possam de fato realizar-se plenamente.

Embora minha observação possa parecer desencorajadora às mulheres almejando a carreira neurocirúrgica, convivi com mulheres residentes de calibre superior àquele de muitos homens residentes. Convivi também com aquelas que falharam e com aqueles que falharam. O talento necessário para ser neurocirurgião não existe em todos os que almejam a carreira. Sabemos que a dedicação de horário, abdicação de grande parte da juventude de festas, fins de semana e viagens é uma realidade para se finalizar com sucesso uma residência em neurocirurgia.

Esta dedicação continua no caminhar da vida, sobressair-se nesta especialidade de homens e mulheres de máximo talento mental, físico e disciplinar requer uma consistência no trabalho que muitas vezes a vida das pessoas não permite. Para a mulher, esta consistência é interrompida no período em que a especialidade mais demanda, por exemplo, entre o fim da residência e o estabelecimento profissional, dos 26 aos 35 anos de idade. É nesta fase que a família mais demanda a atenção feminina. Coordenar as duas demandas depende de uma inteligência emocional superior. Escrevi um romance sobre o treino de uma mulher em neurocirurgia, o qual recomendo aos leitores deste artigo, recentemente traduzido para o português, com o título “O Cérebro do Jogador, amor e futebol” (Editora Bonecker, [www.bonecker.com.br](http://www.bonecker.com.br)). Esse romance mostra a luta da neurocirurgiã em treino ajudando uma família difícil e um marido altamente dependente. E isso se faz através do conhecimento profundo da função cerebral que ela progressivamente adquire (De Salles 2018).

Respondendo diretamente à pergunta que me foi feita, ser esposo de uma neurocirurgiã é um privilégio que poucos homens têm. Os maridos que são neurocirurgiões entendem perfeitamente o que isso seja. Os que são “leigos em neurocirurgia” e entendem ou simplesmente a amam o bastante, até abdicam da própria carreira e dão oportunidade para a esposa brilhar. Os maridos que são cirurgiões em outras intensas especialidades também entendem as demandas na esposa, encontram portanto um jeito de prover o necessário para que elas brilhem. Não é fácil para o leigo entender e aceitar que o paciente neurocirúrgico sempre toma à frente na mente do neurocirurgião, até mesmo em frente de seu amor e sua família.

Agradeço a oportunidade e o privilégio que as “Mulheres da Neurocirurgia da SBN” proporcionaram me convidando para escrever este artigo.

P.S. A primeira leitora deste artigo foi a cantora Xuxa, quando voávamos de Doha para São Paulo. Gentilmente, como uma mulher de sucesso pleno, seus comentários refletem o eterno conflito feminino de ser a perfeita mãe e a profissional de sucesso. Ela permitiu ser mencionada neste artigo, insistindo que o que aqui está escrito deve ser generalizado universalmente, pois este conflito aflige toda mãe almejando sucesso em qualquer profissão, muitas vezes limitante ao sucesso pleno. “Sua filha a perguntava: mamãe, porque você vai brincar com as outras crianças e não fica em casa para brincar comigo?” Quando chego mais cedo que a Alessandra em casa, meu filho de 11 anos, Lucas me pergunta: papai porque você não ficou cobrindo a mamãe no hospital para a mamãe vir fazer lição comigo? As crianças cobram mais das mães do que dos pais, é natural!

Entrevistando um neurocirurgião de renome internacional, exímio em longas cirurgias, portanto requerendo imenso cometimento de tempo e físico, sua resposta foi: não vou responder porque “I will be in trouble”. Em outras palavras, sua resposta seria comprometedora, para não dizer que as mulheres não estão fisicamente preparadas para fazer o que ele faz. Claro que esperamos que este tipo opinião não desencoraje mulheres de talento que querem abraçar a carreira neurocirúrgica.

---

---

## BIBLIOGRAFIA

- Braslow JB, Heins M: Woman in Medical Education. A Decade of Change. NEJM 304 (19): 1129-1135, 1981
- Benzil DL, Abosh A, Germano I, et al: J Neurosurgery 109:378-386, 2018.
- De Salles A: O Cérebro do Jogador, Amor e Futebol. Editora Boneker, 2018.

# ELAS NA SBN

Na Sociedade Brasileira de Neurocirurgia há 134 neurocirurgiãs, que atuam em diversas partes do Brasil. Para conhecer o perfil delas, foi realizada uma enquete com perguntas sobre carreira e vida pessoal. Acompanhe os principais destaques.

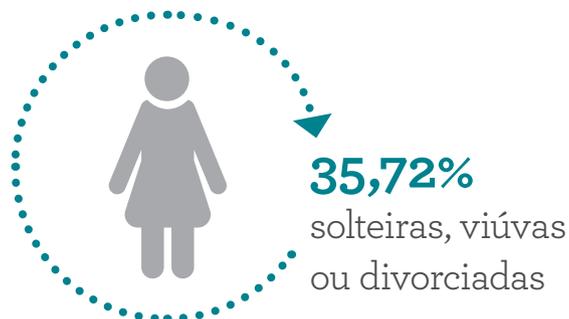
## NO TOTAL, 42 NEUROCIRURGIÃS RESPONDERAM À PESQUISA

Confira abaixo os resultados:

### CASAMENTO

Quase 65% das entrevistadas são casadas.

Umam formaram uma família mais cedo, outras, mais tarde.



### FILHOS

Entre as entrevistadas, a proporção de neurocirurgiãs com filhos é bastante equilibrada.

No entanto, poucas delas optaram pelo terceiro filho, a maioria fica entre um ou dois filhos.

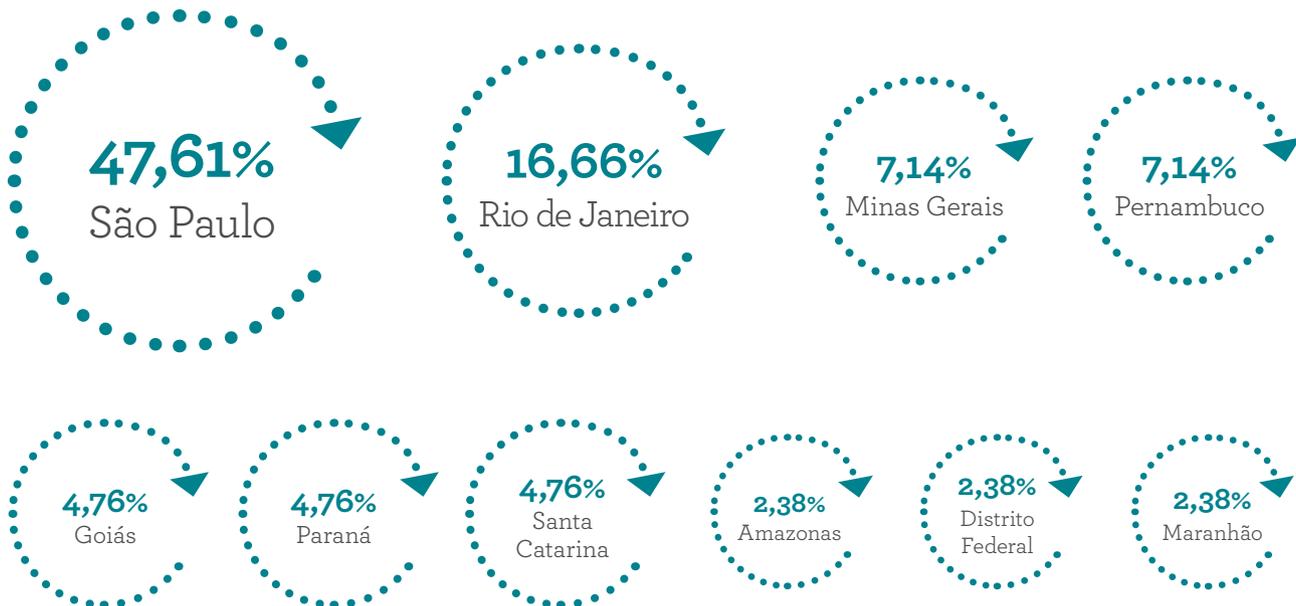


Das entrevistadas que responderam sim:



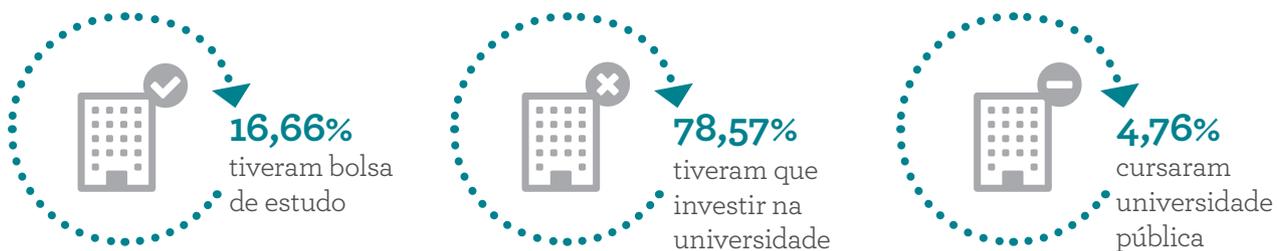
## ATUAÇÃO

São Paulo é o estado que lidera a atuação das neurocirurgiãs entrevistadas, mas há presença delas em quase todo território brasileiro.



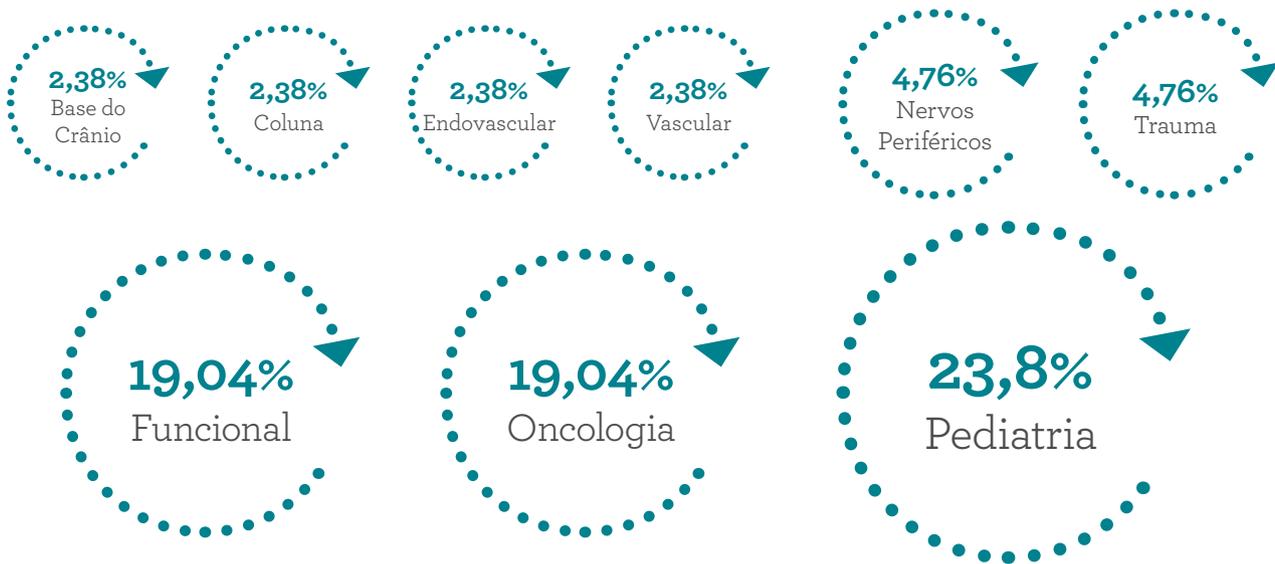
## BOLSA DE ESTUDOS

Com exceção de duas entrevistadas que cursaram faculdade pública, quase a totalidade das neurocirurgiãs tiveram que investir em sua formação.



## SUBESPECIALIDADES

Mais de 60% das neurocirurgiãs têm especializações em outras áreas, como funcional, pediatria e oncologia.



## FORMAÇÃO

Nível de formação pós-especialização das entrevistadas

### MESTRADO



28,57%

### DOCTORADO

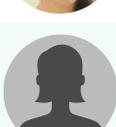


14,28%

# ANUÁRIO DA SBN

Abaixo, apresentamos um Raio – X das 42 neurocirurgiãs da SBN que responderam a pesquisa. Conheça cada uma delas.

	Neurocirurgiã	Onde atua	Graduação em medicina	Residência médica	Subespecialidade
	Adriana R. Libório dos Santos	Rio de Janeiro	Universidade do Estado do Amazonas	Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer	Funcional
	Alyce Castro de Brito	Manaus	Universidade Federal do Amazonas	Hospital Universitário Getúlio Vargas	Oncologia
	Ana Camila de Castro Gandolfi	São Paulo	UNIFESP - EPM	Hospital São Paulo UNIFESP - EPM	Trauma
	Ana Carolina Fonseca Galoti	Assis	UNOESTE	Hospital Estadual de Presidente Prudente	-
	Ana Lucia Mello de Carvalho	São Paulo	Faculdade Ciências Médicas de Santos	Hospital do Servidor Publico Estadual de SP.	Oncologia
	Cilmara Leite Franco	Goiânia	UNIRG	Hospital Santa Marcelina	Pediatria
	Cleyde Cley da Silva Vescio	São Paulo	USP	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP	-
	Debora Maria Brito De Pinho	Recife	UFPE	Hospital da Restauração	-
	Denise Marques de Assis	Belo Horizonte	UFMG	USP - Ribeirão Preto	Pediatria
	Diana Lara Pinto de Santana	São Paulo	UFBA	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP	-

	Neurocirurgiã	Onde atua	Graduação em medicina	Residência médica	Subespecialidade
	Doralice Mariá Leite Batista	Campos dos Goytacazes	UNIFESO	Universidade Federal de Minas Gerais UFMG	Oncologia
	Erika Tavares Silva	São Paulo	UFRJ	Assistência Neurológica de SBC e Santa Casa de Mogi das Cruzes	-
	Fernanda Gonçalves de Andrade	Barretos	USP	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP	Oncologia, Pediatria
	Giana Flávia Kühn	São Paulo	UPF-RS	Hospital Nossa Senhora da Pompéia	Funcional
	Gianne Leite Lucchesi	Rio de Janeiro	Faculdade de Medicina de Valença	Hospital da Polícia Militar	Pediatria
	Herika Karla Negri Brito	Recife	UPE	Hospital da Restauração	Oncologia, Base de Crânio, Funcional
	Isabella Silvério Almeida Lira	Caruaru	UFAL	Hospital da Restauração	-
	Janine Zaban Carneiro	São Luís	Universidade de Brasília	HBDF	Nervos Periféricos
	Julieta Gonçalves Silva	São Paulo	Unifesp	Unifesp	Funcional
	Karina Ruiz de Moraes	São Paulo	Unilus	Hospital São Vicente de Paulo	Pediatria
	Kátia Hitomi Nakamura	Maringá	Universidade Estadual de Londrina	Santa Casa de Londrina	-

	Neurocirurgiã	Onde atua	Graduação em medicina	Residência médica	Subespecialidade
	Laura Mendes de Barros	Brasília	Universidade Federal de Juiz de Fora	Hospital de Base de Brasília	Nervos Periféricos
	Leila Maria Da Róz	Rio de Janeiro	Faculdade de Medicina de Valença	Hospital da Polícia Militar	Pediatria
	Leticia de Carvalho Veiga	Rio de Janeiro	Universidade Gama Filho	Santa Casa de Misericórdia RJ / IECPN - RJ	-
	Lina Márcia de Araújo Herval	Belo Horizonte	UFMG	UFMG	Coluna, Funcional, Trauma
	Luana Antunes Maranhã Gatto	Curitiba	UFPR	HC-UFPR	Endovascular
	Marcia Costa Morales Longhi	Chapecó	UFPEL	Beneficência Portuguesa de Porto Alegre	Pediatria
	Márcia Cristina da Silva	Belo Horizonte	UFMG	Hospital São Francisco de Assis	Pediatria
	Mariangela Barbi Gonçalves	Rio de Janeiro	UNIRIO	Hospital de Força Aérea do Galão (HFGA) - RJ	-
	Marise Augusto Fernandes Audi	São Paulo	Faculdade das Ciências Médicas de Santos	Hospital Heliópolis	-
	Maud Parise	Rio de Janeiro	Universidade Federal de Pelotas	UERJ	Funcional

	Neurocirurgiã	Onde atua	Graduação em medicina	Residência médica	Subespecialidade
	Melina Moré Bertotti	Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina	Hospital Governador Celso Ramos	Oncologia
	Michele Madeira Brandão	Bauru	Escola Paulista de Medicina	Escola Paulista de Medicina	Pediatria
	Nelci Zanon Collange	São Paulo	Universidade de Caxias do Sul	Hospital Federal dos Servidores do Estado - RJ	Pediatria
	Renata Brasileiro de Faria Cavalcante	Goiânia	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Hospital de Neurologia Santa Mônica	-
	Roberta Rehder	São Paulo	Faculdade Evangélica do Parana	Hospital Evangélico de Curitiba	Pediatria
	Sâmia Yasin Wayhs	São Paulo	UFRGS	Universidade Federal da Fronteira do Sul - Hospital São Vicente de Paulo	Oncologia, Neurointensivismo
	Tatiana Peres Vilasboas Alves	São Paulo	Universidade do Vale do Sapucaí	Hospital das Clinicas Samuel Libânio	Oncologia
	Thais Aparecida da Silva Marques	São Paulo	Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP)	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	-
	Thania Gonzalez Rossi	São Paulo	Unifenas	Unifenas	Funcional
	Vanessa Milanesi Holanda	São Paulo	UFPB	CENNA - Beneficência Portuguesa de São Paulo	Funcional

A collection of white dice with various social media icons on their faces, scattered on a teal background. The visible icons include Facebook, Instagram, Twitter, and YouTube.

# SIGA A SBN NAS REDES SOCIAIS

E fique por dentro do conteúdo  
publicado pela Sociedade  
Brasileira de Neurocirurgia



SBN Neurocirurgia



sbn\_neurocirurgia



Sociedade Brasileira  
de Neurocirurgia - SBN



SBN Neurocirurgia



REVISTA  
**Mulher**  
NEUROCIRURGIĂ

## **Sociedade Brasileira de Neurocirurgia**

Rua Abílio Soares, 233 CJ.143 - Paraíso  
CEP 04005-001 São Paulo/SP  
telefone: (11) 3051-6075  
e-mail: [sbn@sbn.com.br](mailto:sbn@sbn.com.br)

[portalsbn.org/portal/comissoes/  
mulheres-neurocirurgias/](http://portalsbn.org/portal/comissoes/mulheres-neurocirurgias/)

